

Typ. COSMOPOLITA, rua de Gonçalves Dias n. 19

AMERICANAS

POR

MACHADO DE ASSIS

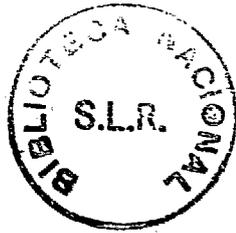
RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

Livreiro-editor do Instituto Historico

65 RUA DO OUVIDOR 65

—
1875



51-7.512

EX. A



15644 D
1946

B 367.1
L 348.15.200

M. 5/4/46

ADVERTENCIA

O titulo de AMERICANAS explica a natureza dos objectos tratados neste livro, do qual excluí o que podia destoar daquela denominação commum. Não se deve entender que tudo o que aqui vae seja relativo aos nossos aborigenes. Ao lado de *Potyra* e *Niani*, por exemplo, quadros da vida selvagem, ha *Christã Nova* e *Sabina*, cuja acção é passada no centro da civilisação. Algum tempo, foi opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quasi toda, no elemento indigena. Veiu a reacção, e adversarios não menos competentes que sinceros, absoluta-

mente o excluíram do programma da litteratura nacional. São opiniões extremas, que, pelo menos, me parecem discutíveis.

Não as discutirei, agora, que não é azado o en-
sejo. Direi somente que, em meu entender, tudo
pertence á invenção poetica, uma vez que traga os
caracteres do bello e possa satisfazer as condições
da arte. Ora, a indole e os costumes dos nossos
aborigenes estão muita vez nesse caso ; não é pre-
ciso mais para que o poeta lhes dê a vida da ins-
piração. A generosidade, a constancia, o valor, a
piedade hão de ser sempre elementos de arte, ou
brilhem nas margens do Scamandro ou nas do
Tocantins. O exterior muda ; o capacete de Ajax
é mais classico e polido que o kanitar de Itajuba ;
a sandalia de Calypso é um primor de arte que
não achâmos na planta nua de Lindoya. Ésta é,
porêm, a parte inferior da poesia, a parte acces-
soria. O essencial é a alma do homem.

Das qualidades boas, e ainda excellentes, dos
nossos indios, andam cheias as relações historicas.
Era agreste e rudimentario o estado delles ; medeia

um abysmo entre a taba de Uruçamirim e qualquer dos nossos bairros inferiores. Mas, com todas as feições grosseiras de uma civilisação embryonaria, havia alli os caracteres de uma raça forte, e não communs virtudes humanas. Montaigne, que lhes consagrou um affectuoso capítulo, enumera o que achou nelles grande e bom, e conclue com ésta pontasinha de maliciosa ingenuidade : « Mais quoi ! ils ne portent point de hault de chausses ! »

1875.

M. A.

. filha melhor do Eterno,
America!

G. DIAS, *Tymb. c. III.*

POTYRA

Os Tamoyos, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar: resistiu valorosamente dizendo em lingua brasilica: « Eu sou christã e casada; não heide fazer traição a Deus e a meu marido; bem pódes matar-me e fazer de mim o que quizeres. » Deu-se por affrontado o barbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

Vasc. Chr. da Companhia de Jesus, liv. 3º

POTYRA

Se, poi ch'a morte il corpo le percosse,
Desse almen vita alla memoria d'ella.

ARIOSTO, *Orl. Fur.* c. XXIX, est. XXXI.

I

Moça christã das solidões antigas,
Em que aurea folha reviveu teu nome?
Nem o echo das mattas seculares,
Nem a voz das sonoras cachoeiras,
O transmittiu aos seculos futuros.
Assim da tarde estiva ás auras frouxas

Tenue fumo do colmo no ar se perde ;
Nem de outra sorte em moribundos labios
A humana voz expira. O horror e o sangue
Da miseranda scena em que, de envolta
Co'os longos, magoadissimos suspiros,
Christã Lucrecia, abriu tua alma o voo
Para subir ás regiões celestes,
Mal deixada memoria aos homens lembra.
Isso apenas ; não mais ; teu nome obscuro,
Nem tua campa o brasileiro os sabe.

II

Ja da férvida luta os ais e os gritos
Extinctos eram. Nos baixeis ligeiros
Os tamoyos incolumes embarcam ;
Ferem co'os remos as serenas ondas
Até surgirem na remota aldêa.
Atrás ficava, luctuosa e triste,
A nascente cidade brazileira,
Do inopinado assalto espavorida,
Ao ceu mandando em còro inuteis vozes.
Vinha ja perto rareando a noite,
Alva aurora, que á vida accorda as selvas,
Quando a aldêa surgiu aos olhos torvos

Da expedição nocturna. A' praia saltam
Os vencedores em tropel ; transportam
A's cabanas despojos e vencidos,
E, da vigilia fatigados, buscam
Na curva, leve rede amigo somno,
Excepto o chefe. Oh ! esse não dormira
Longas noites, se a trôco da victoria
Precisas fossem. Traz comsigo o premio,
O desejado premio. Desmaiada
Conduz nos braços tremulos a moça
Que renegou Tupan, e as velhas crenças
Lavou nas aguas do baptismo santo.
Na rede ornada de amarellas pennas
Brandamente a depõe. Leve tecido
Da captiva gentil as fórmis cobre ;
Veste-as de mais a sombra do crepusculo,
Sombra que a tibia luz da alva nascente
De todo não rompeu. Inquieto sangue
Nas veias ferve do indio. Os olhos luzem
De concentrada raiva triumphante.
Amor talvez lhes lança um leve toque
De ternura, ou ja soffrego desejo ;
Amor, como elle, asperrimo e selvagem,
Que outro não sente o heroe.

III

Heroe lhe chamam

Quantos o hão visto no fervor da guerra
Medo e morte espalhar entre os contrarios
E avantajar-se nos certos golpes
Aos mais fortes da tribu. O arco e a flecha
Desde a infancia os meneia ousado e affouto ;
Cedo aprendeu nas solitarias brenhas
A pleitear ás feras o caminho.
A fôrça oppõe á fôrça, a astucia á astucia.
Qual se da onça e da serpente houvera
Collido as armas. Traz ao collo os dentes

Dos contrarios vencidos. Nem dos annos
O número supera o das victórias ;
Tem no espaçoso rosto a flor da vida,
A juventude, e goza entre os mais bellos
De real primazia. A cinta e a fronte
Azues, vermelhas plumas alardeam ,
Ingenuas galas do gentio inculto.

IV

Da captiva gentil cerrados olhos
Não se entreabrem á luz. Morta parece.
Uma so contraecção lhe não perturba
A paz serena do mimoso rosto.
Junto della, cruzados sobre o peito
Os braços, Anagê contempla e espera ;
Soffrego espera, em quanto ideias negras
Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe
A mente de projectos tenebrosos.
Tal no cimo do velho Corcovado
Proxima tempestade engloba as nuvens.
Subito ao seio turgido e macio

Anciosas mãos estende ; inda palpita
O coração, com desusada fôrça,
Como se a vida toda alli buscasse
Refúgio certo e último. Impetuoso
O vestido christão lhe despedaça,
E á luz ja viva da manhã recente
Contempla as nuas fórmãs. Era acaso
A syncope chegada ao termo proprio,
Ou, no pejo offendida, ás mãos entranhas
A desmaiada moça despertára.
Potyra accorda, os olhos lança em tórno,
Fita, ve, comprehende, e inquieta busca
Fugir do vencedor ás mãos e ao crime...
Misera ! oppõe-se-lhe o irritado gesto
Do asperrimo guerreiro ; um ai lhe sobe
Angustioso e triste aos labios tremulos,
Sobe, murmura e suffocado expira.
Na rede envolve o corpo, e, desviando
Do terrivel tamoyo os lindos olhos,
Entrecortada prece aos ceus envia,
E as faces banha de serenas lagrymas.

V

Longo tempo corrêra. Amplo silêncio
Reinou entre ambos. Do tamoyo a fronte
Pouco a pouco despíra o torvo aspecto.
Ao trabalhado espirito, revôlto
De mil sinistros pensamentos, volve
Benigna calma. Tal de um rio engrossa
O volume extensissimo das aguas
Que vão enchendo de pavor os echos,
Vencendo no arruido o vento e o raio,
E pouco a pouco attenuando as vozes,
Adelgaçando as ondas, tornam mansas
Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,

Para tomar nos braços a formosa
Por cujo amor incendiára a aldêa
Daquellas gentes pallidas de Europa.
Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto,
O rosto inda de lagrymas molhado,
Do coração éstas palavras sólta :
« — La entre os meus, suave e amiga morte,
Ah ! porque me não deste ? Houvera ao menos
Quem escutasse de meus labios frios
A prece derradeira ; e a santa benção
Levaria minha alma aos pes do Eterno...
Não, não te peço a vida ; é tua, extingue-a ;
Um so allivio imploro. Não receies
Embeber no meu sangue a ervada-setta ;
Mata-me, sim ; mas leva-me onde eu possa
Ter em sagrado leito o último somno ! »
Disse, e fitando no indio avidos olhos,
Esperou. Anagê sacode a fronte,
Como se lhe pesára ideia triste ;
Crava os olhos no chão ; lentas lhe sahem
Éstas vozes do peito.

« Oh ! nunca os padres
Pisado houvessem éstas plagas virgens !
Nunca de um deus estranho as leis ignotas
Viesses perturbar as tribus, como

Perturba o vento as aguas ! Rosto a rosto
Os guerreiros pelem ; matam, morrem.
Ante o fulgor das armas inimigas
Não descora o tamoyo. Assaz lhe pulsa
Valor nativo e raro em peito livre.
Armas, deu-lh'as Tupan novas e eternas
Nestas mattas vastissimas. De sangue
Estranhos rios hão de, ao mar correndo,
Tristes novas levar á patria delles,
Primeiro que o tamoyo a frente incline
Aos inimigos peitos. Outra fôrça,
Outra e maior nos move a guerra crua ;
São elles, são os padres. Esses mostram
Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,
Serenos o rosto e as brancas mãos inermes ;
Ordens não trazem de cacique estranho,
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma
As filhas de Tupan correm trás elles,
Com ellas os guerreiros, e com todos
A nossa antiga fe. Vem perto o dia
Em que, na immensidão destes desertos,
Ha de ao frio luar das longas noites
O pagé suspirar sozinho e triste
Sem povo nem Tupan ! »

VI

Silenciosas

Lagrymas lhe espremeu dos olhos negros
Ésta lembrança de futuros males.

« — Escuta ! » diz Potyra. O indio estende
Imperioso as mãos e assim prosegue :

« — Tambem com elles foste, e foi contigo
Da minha vida a flor ! Teu pai mandára,
E com elle mandou Tupan que eu fosse
Teu esposo ; vedou-m'o a voz dos padres,
Que me perdeu, levando-te comsigo.
Não morri ; vivi so para ésta affronta ;

Vivi para ésta insolita tristeza
De maldizer teu nome e as graças tuas,
Chorar-te a vida e desejar-te a morte.
Ai ! nos rudes combates em que a tribu
Rega de sangue o chão da virgem terra
Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado
Teu nobre vulto esteve. A aldêa toda,
Mais que o teu coração, ficou deserta.
Duas vezes, mimosas rebentaram
Do lacrymoso cajueiro as flores,
Desde o dia funesto em que deixaste
A cabana paterna. O extremo lume
Expirou de teu pai nos olhos tristes ;
Piedosa chamma consumiu seus restos
E a aldêa toda o lastimou com prantos.
Não de todo se foi da nossa vida ;
Parte ficou para sentir teus males.
Antes que o último sol á melindrosa
Flor do maracujá cerrasse as folhas
Um sonho tive. Merencorio vulto,
Triste como uma fronte de vencido,
Côr da lua os cabellos venerandos,
O vulto de teu pae : « Guerreiro (disse),
« Corre á vizinha habitação dos brancos,
« Vai, arranca Potyra á lei funesta

« Dos pallidos pagés ; Tupan t'o ordena ;
« Nos braços traze a fugitiva corça ;
« Vincula o teu destino ao della ; é tua. »
— « Impossivel ! Que vale um vago sonho ?
Sou espôsa e christã. Impio, respeita
O amor que Deus protege e sanctifica :
Mata-me ; a minha vida te pertence :
Ou, se te peza derramar o sangue
Daquella a quem amaste, e por quem foste
Lançar entre os christãos a dor e o susto,
Faze-me escrava ; servirei contente
Emquanto a vida allumiar meus olhos.
Toma, entrego-te o sangue e a liberdade ;
Ordena ou fere. Tua espôsa, nunca ! »
Calou-se, e reclinada sôbre a rede,
Potyra murmurava ignota prece,
Olhos fitos no proximo arvoredô,
Olhos não ermos de profunda magua.

VII

O' Christo, em que alma penetrou teu nome
Que lhe não dêsse o balsamo da vida ?
Pelo vento dos seculos levado,
Vidente e cego, o maximo dos seres,
Que fôra do homem nesta escassa terra,
Se ao mysterio da vida lhe não dêsse,
O' Christo, a eterna chave da esperança ?
Philosophia stoica, ardua virtude,
Creação de homem, tudo passa e expira.
Tu so, filha de Deus, palavra amiga,
Tu, suavissima voz da eternidade,

Tu perduras, tu vales, tu confortas.
Neste sonho iriado de outros sonhos,
Varios como as feições da natureza,
Nesta confusa agitação da vida,
Que alma transpõe a derradeira idade
Farta de algumas passageiras glórias?
Torvo é o ar do sepulchro ; alli não viçam
Essas cansadas rosas da existencia
Que ás vezes tantas lagrymas nos custam,
E tantas mais antes do occaso expiram.
Flor do Evangelho, nuncia de alvos dias,
Esperança christã, não te ha murchado
O vento arido e sêcco ; és tu viçosa
Quando as da terra languidas inclinam
O seio, e a vida lentamente exhalam.
Ésta a consolação última e doce
Da espôsa indiana foi. Captiva ou morta,
Antevia a celeste recompensa
Que aos humildes reserva a mão do Eterno.
Naquelle rude coração das brenhas
A semente evangelica brotára

VIII

Das duas condições deu-lhe o guerreiro
A peor, — fel-a escrava ; e eil-a apparece
Da sua aldea aos olhos espantados
Qual fôra em dias de melhor ventura.
Despida vem das roupas que lhe ha posto
Sôbre as polidas fórmas uso extranho,
Não sabido jamais daquelles povos
Que a natureza ingenua doutrinára.
Vence na gentileza ás mais da tribu,
E tem de sobra um sentimento novo,

Pudor de espôsa e de christã, — realce
Que ao indio accende a natural volupia.
Simulada alegria lhe descerra
Os labios ; riso á flor, escasso e dubio,
Que mal lhe encobre as vergonhosas maguas.
Á voz do seu senhor accorre humilde ;
Não a assusta o labor ; nem dos perigos
Conhece os medos. Nas ruidosas festas,
Quando ferve o cauim, e o ar atrôa
Pocema de alegria ou de combate,
Como que se lhe fecha a flor do rosto.
Ja lhe descae então no seio oppresso
A graciosa fronte ; os olhos fecha,
E ao ceu voltando o pensamento puro,
Menos por si, que pelos outros pede.
Nem so o ardor da fe lhe abraza o peito ;
Lacera-lh'o tambem agra saudade ;
Chora a separação do amado espôso,
Que, ou cedo a esquece, ou solitario geme.
Si, alguma vez, fugindo a extranhos olhos,
Não ja crueis, mas cubiçosos della,
Entra desatinada o bosque antigo,
Co'o doce nome accorda ao longe os echos,
E a dor expande em lobregos soluços,
Farta de amor e pródiga de vida,

Ouve-as a selva, e não lhe entende as maguas.
Outras vezes pisando a ruiva areia
Das praias, ou galgando a penedia
Cujos pes orla o mar de nivea espuma,
As ondas murmurantes interroga :
Conta ao vento da noite as dores suas ;
Mas... fieis ao destino e á lei que as rege,
As preguiçosas ondas vão caminho,
Crespas do vento que sussurra e passa.

IX

Quando, ao sol da manhã, partem ás vezes,
Com seus arcos, os destros caçadores,
E alguns da rija estaca desatando
Os nós de embira ás rapidas igaras,
A' pesca vão pelas ribeiras proximas,
Das espôsas, das mães que os lares velam,
Grata alegria os corações inunda,
Menos o della, que suspira e geme,
E não aguarda doce espôso ou filho.
Triste os ve na partida e no regresso,
E nessa melancholica postura,
Semelha a acacia langue e esmorecida,
Que ja de orvalho ou sol não pede os beijos.

As outras... — Raro em labios de felizes
Alheias maguas travam. Não se pejam
De seus olhos azues e alegres pennas
Os sahis sôbre as arvores pousados,
Se ao perto voa na campina verde
De anuns luctuoso bando ; nem os trillos
Das andorinhas interrompe a nota
Que a juryty suspira. — As outras folgam
Pelo arraial dispersas ; vão-se á terra
Arrancar as raizes nutritivas,
E fazem os preparos do banquete
A que hão de vir mais tarde os destemidos
Senhores do arco, alegres vencedores
De quanto vive na agua e na floresta.
Da captiva nenhuma inquire as maguas.
Comtudo, algumas vezes, curiosas
Virgens lhe dizem, apiedando o gesto :
— « Pois que á taba voltaste, em que teus olhos
Primeiro viram luz, que magua funda
Lhes distilla tão longo e amargo pranto,
Amargo mais do que esse que não busca
Recatado silêncio ? » — E ás doces vozes
A christã desterrada assim responde :
— « Potyra é como aquella flor que chora
Lagrymas de alvo leite, se do galho

Mãe cruel a cortou. Oh ! não permitta
O ceu que ímpia fortuna vos separe
Daquelle que escolherdes. Dor é essa
Maior que um pobre coração de espôsa.
Esperanças... Deixei-as nessas aguas
Que me trouxeram, complices do crime,
A' taba de Tupan, não allumiada
Da palavra celeste. Algumas vezes,
Raras, alveja em minha noite escura
Não sei que tibia aurora, e penso : Acaso
O sol que vem me guarda um raio amigo,
Que hade accender nestes cansados olhos
Ventura que ja foi. As azas colhe
Guanumby, e o aguçado bico embebe
No tronco, onde repousa adormecido
Até que volte uma estação de flores.
Ventura imita o guanumby dos campos :
Accordará co'as flores de outros dias.
Doce illusão que rapido se escoo,
Como o pingo de orvalho mal fechado
N'uma folha que o vento agita e entorna. »
E as virgens dizem, apiedando o gesto :
— « Potyra ó como aquella flor que chora
« Lagrymas de alvo leite, se do galho
« Mão cruel a cortou ! »

X

Era chegado

O fatal prazo, o desenlace triste.
Tudo morre, — a tristeza como o gozo ;
Rosas de amor ou lyrios de saudadé,
Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.
Costeando as longas praias, ou transpondo
Extensos valles e montanhas, correm
Mensajeiros que ás tabas mais vizinhas
Vão convidar á festa as gentes todas.
Era a festa da morte. Indio guerreiro,
Trez luas ha captivo, o instante aguarda

Em que ás mãos de inimigos vencedores,
Cáia expirante, e os vinculos rompendo
Da vida, a alma remonte além dos Andes.
Corre de boca em boca e de echo em echo
A alegre nova. Vem descendo os montes,
Ou abicando ás povoadas praias
Gente da raça illustre. A onda immensa
Pelo arraial se estende pressurosa.
De quantas côres natureza fertil
Tinge as proprias feições, copiam elles
Engraçadas, vistas louçanias.
Varios na idade são, varios no aspeito,
Todos eguaes e irmãos no herdado brio.
Dado o amplexo de amigo, acompanhado
De suspiros e pesames sinceros
Pelas fadigas da viagem longa,
Rompem ruidosas dansas. Ao tamoyo
Deu o Ibake os segredos da poesia ;
Cantos festivos, moduladas vozes,
Enchem os ares, celebrando a festa
Do sacrificio proximo. Ah ! não cubra
Veu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos
Destes polidos tempos ! Rudes eram
Aquelles homens de asperos costumes,
Que ante o sangue de irmãos folgavam livres.

E nós, soberbos filhos de outra idade,
Que a voz fallamos da razão severa
E na luz nos banhamos do Calvario,
Que somos nós mais que elles? Raça triste
De Cains, raça eterna...

XI

Os cantos cessam.

Calou-se o maracá. As roucas vozes
Dos fêrvidos guerreiros já reclamam
O brutal sacrificio. A's mãos das servas
A taça do cauim passára exausta.
Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.
Da nação guayanaz nos rudes campos
Nasceu. Nos campos da saudosa patria
Industriosa mão não sabe ainda
Alevantar as tabas. Cova funda
Da terra, mãe commum, no scio aberta,

Os acolhe e protege. O chão lhes forra
A pelle do tapir ; continua chamma
Lhes suppre a luz do sol. É uso antigo
Do guayanaz que chega a extrema idade,
Ou de mortal doença accomettido,
Não expirar aos olhos de outros homens ;
Vivo o guardam no bojo da igaçaba,
E á fria terra o dão, como se fõra
Pasto melhor (melhor !) aos frios vermes.
Do almo, doce licor que extrahe das flores
Mãe do mel, iramaya, larga cópia
Pelos robustos membros lhe coaram
Seis anciãs da tribu. Rubras pennas
Na vasta fronte e nos nervosos braços
Garridamente o enfeitam. Longa e forte
A mussuranna os rins lhe cinge e aperta.
Entra na praça o funebre cortejo.
Olhar tranquillo, inda que fero, espalha
O indomado captivo. Em pe, defronte,
Grave, silencioso, ao sol mostrando
De feias côres e vistosas plumas
Singular harmonia, aguarda a víctima
O executor. Nas mãos lhe pende a enorme
Tagapema enfeitada, arma certeira,
Arma triumphal de morte e de exterminio.

Medem-se rosto a rosto os dous contrarios
C'um sorriso feroz. Confusas vozes
Enchem subito o espaço. Não lhe é dado
Ao vencido guerreiro haver a morte
Silenciosa e triste em que se passa
Da curva rede á fria sepultura:
Meigas aves que vão de um clima a outro
Abrem placidamente as azas leves,
Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,
Tu combate! Vencido e vencedores
Derradeiros escarneos se arremessam;
Gritos, injúrias, convulsões de raiva,
Vivo clamor accorda os longos echos
Das penedias proximas. A clava
Do executor gyrou no ar tres vezes
E de leve cahiu na grossa espadua
Do arquejante captivo. Já na boca,
Que o desprêzo e o furor n'um riso entreabrem,
Orla de espuma alveja. Avança, corre,
Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço
A mussurana, cujas pontas tiram
Dous mancebos robustos. Nas cavernas
Do longo peito lhe murmura o odio,
Surdo, como o rumor da terra inquieta,
Pejada de vulcões. Os labios morde,

156492

E, como derradeira injúria, á face
Do executor lhe cospe espuma e sangue.
Não vibra o arco mais veloz o tiro,
Nem mais segura no aterrado cervo
Feroz succuriuba os nós enrosca,
Do que a pesada, enorme tagapema
A cabeça de um golpe lhe esmigalha.
Cae fulminada a victima na terra,
E alegre o povo longamente applaude.

7361
C 564957



XII

Na voz universal perdeu-se um grito
De piedade e terror : tão fundo entrára
Naquella alma roubada á noite escura
Raio de sol christão ! Potyra foge,
Pelos bosques atonita se entranha
E pára á margem de um pequeno rio ;
Ponsa na relva os tremulos joelhos
E nas mimosas mãos esconde o rosto.
Não de lagrymas era aquelle sítio
Ou so de doces lagrymas choradas
De olhos que amor venceu : — macia relva,

Leito de sesta a amores fugitivos.
Da verde, rara abobada de folhas
Tepida e doce a luz coava a frouxo
Do sol, que além das arvores tranquillo,
Metade da jornada ia transpondo.
Longe era ainda a hora melancholica
Em que a geremnia cerra a miuda folha,
E o lume azul o pyrilampo accende.
De pe, a um velho tronco descoroado
Da copada ramagem, resto apenas,
Vestigio do tufão, a indiana moça
Languidamente encosta o esbelto corpo.
Neste ameno recesso tudo é triste,
Porque é alegre tudo. Não mui longe
Um desfolhado ipê conserva e guarda
Flores que lhe ficaram de outro estio,
Como esperança de folhagem nova,
Flores que a desventura lhe ha negado,
A ella, alma esquecida nesta terra,
Que nada espera da estação vindoura.
Olha, e de inveja o coração lhe estalla;
Pelo tronco das arvores se enroscam
Parasitas, espôsas do arvoredado,
Mais fieis não, mais venturosas que ella.
Morrer? Descanço fôra ás maguas suas.

Mais que descanso, perduravel gozo,
Que a nossa eterna patria aos infelizes
Deste destêrro, guarda alvas capellas
De não-murchandas e cheirosas flores.
Tal lhe fallava no íntimo do peito
Desespêro cruel. Alguns instantes
Pela cansada mente lhe vagaram
De voluntaria, abreviada morte
Luctuosas ideias. Mal comprehende
Esses desmaios da creatura humana
Quem não sentiu no coração rasgado
Abatimento e enôjo ; ou, do mais que isto,
Esse contraste immenso e irreparavel
Do amor interno e a solidão da vida.
Rapido espaço foi. Prompto lhe volve
Doce resignação, christã virtude,
Que desafia e que assoberba os males.
As debeis mãos levanta. Ja dos labios
Sólta nas azas de oração singella
Lástimas suas... Na folhagem sêcca
Ouve de cautos pes rumor sumido
Volve a cabeça...

XIII

Trêmulo, calado,
Anagè crava n'ella os olhos turvos
Dos vapores da festa. As mãos inermes
Lhe pendem ; mas o peito — ó misera ! — esse,
Esse de mal contido amor transborda.
Longo instante passou. Alfim : « Deixaste
A festa nossa (o barbaro murmura) ;
Mysteriosa vieste. Dos guerreiros
Nenhum te viu ; mas eu senti teus passos,
E vim contigo ao êrmo. Ave mesquinha,
Inutil foges ; gavião te espreita,

Minha te fez Tupan. » Em pe, sorrindo
Escutava Potyra a voz severa
De Anagê. Breve espaço abria entre ambos
Alcatifado chão. A fatal hora
Chegára alfim? Não o prescruta a moça;
Tudo acceita das mãos do seu destino,
Tudo, excepto... No proximo arvoredó
Ouve de uma ave o pio melancholico;
Era a voz de seu pae? a voz do espôso?
De ambos talvez. No ânimo da escrava
Restos havia d'essa crença antiga,
Antiga e sempre nova: o peito humano
Raro de obscuros elos se liberta.

XIV

— « Nascestes para ser senhora e dona :
Anagè não te veda a liberdade ;
Quebra tu mesma os nós do captiveiro.
Faze-te espôsa. Vem coroar meus dias ;
Vem, tudo esqueço. A fronte do guerreiro,
Adornada por ti, sera mais nobre ;
Mais forte o braço em que pousar teu rosto.
Sou menos bello que esse espôso ausente ?
Rudes feições compensa amor sobejo.
Vem ; ser-me-has companheira nos combates,
E, se inimiga frecha entrar meu seio,

Morrerei a teus pes. Tens medo aos padres ?
Outro destino escolhe. Cauteloso,
Tece o japú nos elevados ramos
Das elevadas árvores o ninho,
Onde o inimigo lhe não roube a prole.
Ninho ha na serra ao nosso amor propício ;
Viveremos alli. Troveje em baixo
A inubia convidando á guerra os povos ;
Leva de arcos transforme éstas aldêas
Em campos de combate, — ou ja dispersas
As fugitivas tribus vão buscando
Longes sertões para chorar seus males,
Viveremos alli. Talvez um dia
Quando eu passar á mysteriosa estância
Das delicias eternas, me pergunte
Meu velho pai : — « Teu arco de guerreiro
Em que deserta praia o abandonaste ? »
Salvar-me-ha teu amor do eterno pêjo. »

XV

Doce era a voz e triste. Rasos d'agua
Os olhos. Foi desmaio de tristeza
Que o gesto dissipou da esquiva moça.
Volve ao Tamoyo vingativa ideia.
— « Minha (diz elle) ou morres ! » Estremece
Potyra, como quando a brisa passa
Ao de leve na folha da palmeira,
E logo fria ao barbaro responde :
— « Jaz esquecida em nossas velhas tabas
O respeito da espòsa ? Acaso é digna
Do sangue do Tamoyo ésta ameaça ?

Que desvalia aos olhos teus me coube,
Se a outro me ligaram natureza,
Religião, destino ? A liberdade
Nas tuas mãos depuz ; com ella a vida.
É tudo, quasi tudo. Honra de espôsa,
Oh ! essa deves respeit-a ! Vai-te !
Ceva teu odio nas sangrentas carnes
Do prostrado captivo. Aqui chorando,
Na soidão d'estes bosques mal fechados,
A's maviosas brisas meus suspiros
Entregarei ; leval-os-hão nas azas
La onde geme solitario espôso.
Vai-te ! » E as mimosas mãos colhendo ao rosto,
Alçou a Deus o pensamento amante,
Como a scentelha viva que a fogueira
Extincta aos ares sobe. Immoavel, muda,
Longo tempo ficou. Diante d'ella,
Como ella immoavel, o tamoyo estava.
Amor, odio, ciume, orgulho, pena,
Oppostos sentimentos se combatem
No attribulado peito. Generoso
Era, mas não domado amor lhe dava
Inspiração de crimes. Não mais prompto
Cae sobre a triste corça fugitiva
Jaguar de longa fome esporeado,

Do que elle as mãos lançou ao collo e á fronte
Da misera Potyra. Ai! não, não diga
A minha voz o lamentoso instante
Em que ella, ao seu algoz volvendo anciosa
Turvos olhos: « Perdoo-te! » murmura,
Os labios cerra e immaculada expira!

XVII

Estro maior teu nome obscuro cante,
Moça christã das solidões antigas,
E eterno o cinja de virentes flores,
Que as mereces. De não sabido bardo
Estes gemidos são. Languidas brisas
No taquaral á noite sussurrando,
Ou enrugando o molle dorso ás vagas,
Não tem a voz com que domina os echos
Despenhada cachoeira. São, contudo,

Mas que debeis e tristes, no concerto
Da orchestra universal cabidas notas.
Alveja a nebulosa entre as estrêllas,
E abre ao pe do rosal a flor da murta.

NIANI

(HISTORIA GUAYCERU)

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram trez mezes, quando um dia, estando deitada na sua rustica cama, lhe deram a noticia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esphera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno indio que era seu captivo, e diz-lhe na presença de varios antecris: «E's meu captivo; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás todo a vida Panenioxe.» Então seus olhos deixaram correr diluvios de lagrymas pelas suas tristes faces, que ella de envergonhada quiz occultar, mas o amor offendido não o permittia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual no outro dia perdeu a vida.

F. RODRIGUES PRADO, *Hist. dos Indios Cavalleiros.*

N I A N I

..... que piagne
Vedova, sola.

DANT. *Purgat.* VI.

Contam-se histórias antigas
Pelas terras de além-mar,
De moças e de princezas,
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n'alma
 E a vida soe acabar,
Amor é de todo o clima,
 Bem como a luz, como o ar.

Morrem delle nas florestas
 Aonde habita o jaguar,
Nas margens dos grandes rios
 Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso
 De muito penalisar,
Tão triste como os que contam
 Pelas terras de além-mar.

II

Cabana que esteira cobre
De junco trançado a mão,
Que agitação vae por ella!
Que ledas horas lhe vão!

Panenioxe é guerreiro
Da velha, dura nação,
Cayavaba ha ja sentido
A sua lança e facão.

Vem de longe, chega á porta
Do afamado capitão ;
Deixa a lança e o cavallo,
Entra com seu coração.

A noiva que elle lhe guarda
Moça é de nobre feição,
Airosa como agil corça
Que corre pelo sertão.

Amores eram nascidos
Naquella tenra estação,
Em que a flor que hade ser flor
Inda se fecha em botão.

Muitos agora lhe querem,
E muitos que fortes são ;
Niani ao melhor delles
Não dera o seu coração.

Casal-os agora, é tempo ;
Casal-os, nobre ancião !
Limpo sangue tem o noivo,
Que é filho de capitão.

III

« — Traze a minha lança, escravo,
Que tanto peito abateu ;
Traze aqui o meu cavallo
Que largos campos correu. »

« — Lança tens e tens cavallo
Que meu velho pae te deu ;
Mas aonde te vas agora,
Onde vas, espôso meu ?

« — Vou-me á caça, junto á cova
Onde a onça se metteu... »

« — Montada no meu cavallo,
Vou contigo, espôso meu. »

« — Vou-me ás ribas do Escopil,
Que a minha lança varreu... »

« — Irei pelejar na guerra,
A teu lado, espôso meu. »

« — Fica-te ahi na cabana
Onde o meu amor nasceu. »

« — Melhor não haver nascido
Se ja de todo morreu. »

E uma lagryma, — a primeira
De muitas que ella verteu, —
Pela face cobreada
Lenta, lenta lhe correu.

Enxugal-a, não a enxuga
O espôso que ja perdeu,
Que elle no chão fita os olhos,
Como que a voz lhe morreu.

Traz o escravo o seu cavallo
Que o velho sogro lhe deu ;
Traz-lhe mais a sua lança
Que tanto peito abateu.

Então, recobrando a alma,
Que o remorso esmoreceu,
Com ésta dura palavra
Á espôsa lhe respondeu :

« — A bocayuva trez vezes
No tronco amadureceu,
Desde o dia em que o guerreiro
Sua espôsa recebeu.

« Trez vezes ! Amor sobejo
Nossa vida toda encheu.
Fastio me entrou no seio,
Fastio que me perdeu. »

E pulando no cavallo,
Sumiu-se.... desapareceu...
Pobre moça sem marido,
Chora o amor que lhe morreu !

IV

Leva o Paraguay as aguas,
Leva-as no mesmo correr,
E as aves descem ao campo
Como usavam de descer.

Tenras flores, que outro tempo
Costumavam de nascer,
Nascem ; vivem de egual vida ;
Morrem do mesmo morrer.

Niani, pobre viuva,
 Viuva sem bem o ser,
Tanta lagryma chorada
 Ja te não pôde valer.

Olhos que amor desmaiára
 De um desmaiar que é viver,
O choro empana-os agora,
 Como que vão fenecer.

Corpo que fôra robusto
 No seu cavallo a correr,
De contínua dor quebrado
 Mal se pôde ja suster.

Collar de prata não usa,
 Como usava de trazer ;
Pulseiras de finas contas
 Todas as veiu a romper.

Que ella, se nada ha mudado
 Daquelle eterno viver,
Com que a natureza sabe
 Renascer, permanecer,

Toda é outra ; a alma lhe morre,
Mas de um contínuo morrer.
E não ha magua mais triste
De quantas podem doer.

Os que out' rora a desejavam,
Antes della mal haver,
Vendo que chora e padece,
Rindo, se põem a dizer :

« — Remador vae na canoa,
Canoa vae a descer...
Piranha espiou do fundo
Piranha, que o vae comer.

« Ninguem se fie da braza
Que os olhos veem arder .
Serenos que cae de noite
Ha de fazel-a morrer.

Panenioxe, Panenioxe,
Não lhe sabias querer.
Quem te pagára esse golpe
Que lhe vieste fazer ! »

V

Um dia, — era sôbre tarde,
Ia-se o sol a afundar;
Calumby cerrava as folhas
Para melhor as guardar.

Vem cavalleiro de longe
E á porta vae apear.
Traz o rosto carregado,
Como noite sem luar.

Chega-se á pobre da moça
E assim começa a fallar :
« — Guaycurú doe-lhe no peito
Tristeza de envergonhar.

« Espôso que te ha fugido
Hoje se vae a casar ;
Noiva não é de alto sangue,
Porém de sangue vulgar. »

Ergue-se a moça de um pulo,
Arrebatada, e no olhar
Rebenta-lhe uma faisca
Como de luz a expirar.

Menino escravo que tinha
Acerta de ali passar ;
Niani attentando nelle
Chama-o para o seu logar.

« — Captivo es tu : seras livre,
Mas vaes o nome trocar ;
Nome ^{me}avesso te pozeram...
Panenioxé ha s de ficar. »

Pela face cobreada

Desce, desce com vagar
Uma lagryma : era a última
Que lhe restava chorar.

Longo tempo alli ficára,
Sem se mover nem fallar ;
Os que a veem naquella magua
Nem ousam de a consolar.

Depois um longo suspiro,
E ia a moça a expirar...
O sol de todo morria
E ennegrecia-se o ar.

Pintam-n'a de vivas côres,
E lhe lançam um collar ;
Em fina esteira de junco
Logo a vão amortalhar.

O triste pae suspirando
Nos braços a vae tomar,
Deita-a sôbre o seu cavallo
E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora
Justo lhe era descansar,
Que pagou foro da vida
Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores
Aonde habita o jaguar,
Como as princezas morriam
Pelas terras de além-mar.

A CHRISTÃ NOVA

..... essa mesma foi levada
captiva para uma terra estranha.

NAHUM, cap. III, v. 10

PARTE I

I

Olhos fitos no ceu, sentado á porta,
O velho pae estava. Um luar frouxo
Vinha beijar-lhe a veneranda barba
Alva e longa, que o peito lhe cobria,

Como a nevoa na encosta da montanha
Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,
E silenciosa : a praia era deserta,
Ouvia-se o bater pausado e longo
Da somnolenta vaga, — unico e triste
Som que a mudez quebrava à natureza.

Assim talvez nas solidões sombrias
Da velha Palestina
Um propheta no espirito volvèra
As desgraças da patria. Quão remota
Aquella de seus paes sagrada terra,
Quão differente desta em que ha vivido
Os seus dias melhores ! Vago e doce,
Este luar não allumia os serros

Estereis, nem as últimas ruínas,
Nem as êrmas planícies, nem aquelle
Morno silêncio da região que fôra
E que a história de todo amortalhára.
O' torrentes antigas ! aguas santas
De Cedron ! Já talvez o sol que passa,
E ve nascer e ve morrer as flores,
Todas no leito vos seccou, em quanto
Éstas murmuram placidas e cheias,
E vão contando ás deleitosas praias
Esperanças futuras. Longo e longo
O devolver dos seculos
Sera, primeiro que a memoria do homem
Teça a mortalha fria
Da região que inda tinge o albor da aurora.

III

Talvez, talvez no espirito fechado
Do ancião vagueavão lentamente
Estas ideias tristes. Juncto á praia
Era a austera mansão, donde se via
Desenrolarem-se as serenas vagas
Do nosso golpho azul. Não a enfeitavam
As galas da opulencia, nem os olhos
Entristecia co' o medonho aspecto

Da miseria ; não pródiga nem surda
A fortuna lhe fôra, mas aquella
Mediana sobria, que os desejos
Contenta do philosopho, lhe havia
Doirado os tectos. Guanabara ainda
 Não era a flor aberta
Da nossa idade ; era botão apenas,
Que rompia do hastil, nascido á beira
De suas ondas mansas. Simple e rude,
Ia brotando a juvenil cidade,
Nestas incultas terras, que a lembrança
Recordava talvez do antigo povo,
E o guáu alegre, e as rispidas pelepas.
Toda essa vida que morreu.

IV

Sentada

Aos pes do velho estava a amada filha,
Bella como a açucena dos Cantares,
Como a rosa dos campos. A cabeça
Nos joelhos do pae reclina a moça,
E deixa resvalar o pensamento
Rio abaixo das longas esperanças
E namorados sonhos. Negros olhos

Por entre os mal fechados
Cílios estende á serra que recorta
Ao longe o ceu. Morena é a face linda
E levemente pallida. Mais bella,
Nem mais suave era a formosa Ruth
Ante o rico Booz, do que essa virgem,
Flor que Israel brotou do antigo tronco,
Corada ao sol da juvenil America.

V

Mudos viam correr aquellas horas
Da noite, os dous : elle voltando o rosto
Ao passado, ella os olhos ao futuro.
Cançam-lhe enfim ao pensamento as azas
De ir voando, atravez da espessa treva,
Frouxas as colhe, e desce ao campo exíguo
Da realidade. A delicada virgem
Primeiro volve a si ; os lindos dedos

Corre-lhe ao longo da nevada barba,
E : — « Pae amigo, que pensar vos leva
Tão longe a alma ? » Estremecendo o velho :
— « Curiosa ! — lhe disse, — o pensamento
É como as aves passageiras : voa
A buscar melhor clima. — Opposto rumo
las tu, alma em flor, aberta apenas,
Tão longe ainda do calor da sesta,
Tão remota da noite... Uma esperança
Te sorria talvez ? Talvez, quem sabe,
Uns namorados olhos que me roubem,
Que te levem... Não córes, filha minha !
Esquecimento, não ; lembrança ao menos
Ficar-te-ha do paterno affecto ; e um dia.
Quando eu na terra descancar meus ossos,
Haveras doce balsemo no seio
De afeição juvenil... Sim ; não te accuso ;
Ama : é a lei da natureza, eterna !
Ama : um homem sera da nossa raça... »

VI

Éstas palavras taes ouvindo a moça,
Turbada os olhos descahiu na terra,
E algum tempo ficou calada e triste,
Como no azul do ceu o astro da noite,
Se uma nuvem lhe empana a meio a face.
Subito a voz e o rosto alevantando,

Com dissimulação, — peccado embora,
Mas innocente : — « Olhai, a noite é linda !
O vento encrespa mollemente as ondas,
E o ceu é todo azul e todo estrêllas !
Formosa, oh ! quão formosa a terra minha !
Dizei : além desses compridos serros,
Além daquelle mar, á orla de outros,
Outras como ésta vivem ? »

VII

Fresca e pura
Era-lhe a voz, voz d'alma que sabia
Entrar no coração paterno. A fronte
Inclina o velho sôbre o rosto amado
De Angela. — Na cabeça ósculo sancto
Impri-me á filha ; e suspirando, os olhos
Melancholicamente ao ar levanta,

Desce-os e assim murmura :

« Vaso é digno de ti, lyrio dos valles,
Terra solemne e bella. A natureza
Aqui pomposa, compassiva e grande,
No regaço recebe a alma que chora
E o coração que tumido suspira.
Comtudo, a sombra pesarosa e errante
Do povo que acabou pranteia ainda
Ao longo das arêas,
Onde o mar bate, ou no cerrado bosque
luda povoado das reliquias suas,
Que o nome de Tupan confessar podem
No proprio templo augusto. Ultima e forte
Consolação é ésta do vencido
Que viu tudo perder-se no passado,
E unico salva do naufragio immenso
O seu Deus. Patria não. Uma ha na terra
Que eu nunca vi... Hoje é ruina tudo,
E viuvez e morte. Um tempo, emtanto,
Bella e forte ella foi ; mas longe, longe
Os dias vão de fortaleza e glória
Escoados de todo como as aguas
Que não volvem jamais. Oleo que a unge,
Finas telas que a vestem, atavios
De ouro e prata que o collo e os braços lhe ornam,

E a flor de trigo e mel de que se nutre,
Sonhos, são sonhos do propheta. É morta
Jerusalem ! Oh ! quem lhe dera os dias
Da passada grandeza, quando a planta
Da senhora das gentes sobre o peito
Pousava dos vencidos, quando o nome
Do que ha salvo Israel, Moysés... »

« — Não ! Christo,
Filho de Deus ! So elle ha salvo os homens ! »
Isto dizendo, a delicada virgem
As mãos postas ergueu. Uma palavra
Não disse mais ; no coração, emtanto,
Murmurava uma prece silenciosa,
Ardente e viva, como a fe que a anima
Ou como a luz da alampada
A que não faltou oleo.

VIII

Taciturno

Esteve longo tempo o ancião. Aquella
Alma infeliz nem toda era de Christo
Nem toda de Moyses ; ouvia attento
A palavra da Lei, como nos dias
Do eleito povo ; mas a doce nota
Do Evangelho não raro lhe batia

No alvoroçado peito
Solemniissima e pura... Descambava
No entanto a lua. A noite era mais linda,
E mais augusta a solidão. Na alcova
Entra a pallida moça. Da parede
Um Christo pende ; ella os joelhos dobra
Os dedos cruza e resa,— não serena,
Nem alegre tambem, como costuma,
Mas a tremer-lhe nos formosos olhos
Uma lagryma.

A lampada accendida
Sobre a meza do velho, as largas folhas
Allumia de um livro. O maximo era
Dos livros todos. A escolhida lauda
Era a do canto dos captivos que iam
Pelas ribas do Euphrates, relembrando
As desgraças da patria. A sos, com elles,
Suspira o velho aquelle psalmo antigo :

Juncto aos rios da terra amaldiçoada
De Babylonia, um dia nos sentamos,
Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,
E ao relembrarmos os extinctos dias
As lagrymas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias
De captiveiro, alli nos perguntavam
Pelas nossas antigas harmonias.

E diziamos nós aos que fallavam :
« Como em terra de exilio amargo e duro
Cantar os hymnos que ao Senhor louvavam ?... »

Jerusalem, se inda n'um sol futuro,
Eu desviar de ti meu pensamento
E teu nome entregar a olvido escuro,

A minha dextra a frio esquecimento
Votada seja ; apegue-se á garganta
Ésta lingua infiel, se um so momento

Me não lembrar de ti, se a grande e sancta
Jerusalem não for minha alegria
Melhor no meio de miseria tanta.

Oh ! lembra-lhes, Senhor, aquelle dia
Da abatida Sião, lembra-lh'o aos duros
Filhos de Edom, e á voz que alli dizia :

Arruinai-a, arruinai-a ; os muros
Arrazemol-os todos ; so lhe baste
Um montão de destroços mal seguros.

Filha de Babylonia, que peccaste,
Abençoado o que se houver contigo
Com a mesma oppressão que nos mostraste !

Abençoado o barbaro inimigo
Que os tenros filhos teus ás mãos tomando,
Os for, por teu justissimo castigo,
Contra um duro penedo esmigalhando !

PARTE II

I

Era naquella doce e amavel hora
Em que vem branqueando a alva celeste,
Quando parece que remoça a vida
E toda se espreguiça a natureza.
Alva neblina que espalhára a noite
Frouxamente nos ares se dissolve,
 Como de uns olhos tristes
Foge co' o tempo a ja ligeira sombra

De consoladas maguas. Vida é tudo,
E pompa e graça natural da terra,
Mas que não seja no êrmo,
Onde seus olhos rutilos espraia
Livres a aurora, sem tocar vestígios
De obras caducas do homem, onde as águas
Do rio bebe a fugitiva corça,
Vivo aroma nos ares se diffunde,
E aves, e aves de infinitas côres
Voando vão e revoando tornam,
Inda senhoras da amplidão que é sua,
Donde as hade fugir o homem um dia
Quando a agreste soidão entrar o passo
Creator que derruba. Já de todo
Nado era o sol; e á viva luz que inunda
Estes meus patrios morros e éstas praias,
Sorrindo a terra moça
Noiva parece que o virgineo seio.
Entrega ao beijo nupcial do amado.
E hade os funebres veus lançar a morte
Na verdura do campo? A natureza
A nota vibrará da extrema angústia
Neste festivo cantico de graças
Ao sol que nasce, ao Creator que o envia,
Como renovação de juventude?

II

Coava o sol pela miuda e fina
Gelosia da alcova em que se apresta
A recente christã. Singelas roupas
Traja da ingenua côr que a natureza
Pintou nas plumas que primeiro brota
O seu patrio guará. Vínculo frouxo
Mal lhe segura a luzidia trança,

Como ao desdem lançada
Sôbre a espadua gentil. Joia nenhuma,
Mais que seus olhos meigos, e essa doce
Modestia natural, encanto, enlêvo,
Casta flor que aborrece os mimos do horto,
E ama livre nascer no campo, á larga,
Rustica, mas formosa. Não lhe ensombram
As tristezas da vespera o semblante,
Nem da secreta lagryma na face
Ficou vestigio. — Descuidosa e alegre,
Ri-se, murmura uma cantiga, ou pensa,
E repete baixinho um nome... Oh! se elle
Espreital-a pudesse ali risonha,
A sos comsigo, entre o seu Christo e as flores
Colhidas ao tombar da extincta noite,
E vecejantes inda!

III

De repente,
Aos ouvidos da moça enamorada
Chega um surdo rumor de sôltas vozes,
Que ora crescendo vae, ora se apaga,
Extranho, desusado. Eram... São elles,
Os francezes, que vem de longes praias
A cubiçar a perola mimosa,
Nietheroy, na alva-azul concha nascida

De suas aguas recatadas. Rege
O atrevido Duclerc a flor dos nobres,
Cuja tez branca requeimára o fogo
Que o vivo sol dos tropicos dardeja,
E as lufadas dos ventos do oceano.
Cobiçam-te elles, minha terra amada,
Como quando nas faixas sempre-verdes
Eras envolta ; e rude, inda que bello,
O aspecto havias que poliu mais tarde
A clara mão do tempo. Inda repetem
Os echos do reconcavo os suspiros
Dos que vieram a buscar a morte,
E a receberam dos varões possantes
Companheiros de Estacio. A todos elles,
Prole de Luso ou geração da Gallia,
Captivara-os a nayade escondida,
E o sol os viu travados nessa longa
E sangrenta porfia, cujo premio
Era teu verde, candido regaço.
Triumphára o trabuco lusitano
Naquelle extincto seculo. Vencido,
O pavilhão francez volvêra á patria,
Pela agua arrastando o longo crepe
De suas tristes, mortas esperanças.
Que vento novo o desfraldou nos ares ?

IV

Angela ouvira as vozes da cidade,
As vozes do furor. Já receiosa,
Trémula, foge á alcova e se encaminha
À camera paterna. Ia transpondo
A franqueada porta... e pára. O peito
Rompe-lh'o quasi o coração, — tamanho
É o palpitar, um palpitar de gòsto,
De surpresa e de susto. Aquelles olhos,

Aquella graça masculina do gesto,
Graça e olhos são d'elle, o amado noivo,
Que entre os mais homens elegeu sua alma
Para o vínculo eterno... Sim, que a morte
Póde arrancar ao seio humano o alento
Ultimo e derradeiro ; os que devéras
Unidos foram, volverão unidos
A mergulhar na eternidade. Estava
Juncto do velho pae o gentil moço,
Elle todo agitado, o ancião sombrio,
Calados ambos. A attitude de ambos,
O mysterioso, gelido silêncio,
Mais que tudo, a presença nunca usada
Daquelle homem ali, que mal a espreita
De longe e a furto, nos instantes breves
Em que lhe é dado vel-a, tudo á moça
O ânimo abala e o coração enfia.

V

Mas o tropel de fóra avulta e cresce
E os tres accorda. A virgem, lentamente,
Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço
Que dos dous a separa. . O tenro collo
Curva ante o pae, e na enrugada dextra
O ósculo imprime, herdada usança nossa
De filial respeito. As mãos lhe toma
Enternecido o velho ; olhos com olhos
Alguns instantes rapidos ficaram,
Até que elle, voltando o rosto ao moço :

« — Perdoai, — disse, — se o paterno affecto
Me atou a lingua. Vacillar é justo
Quando á pobre ruina a flor lhe pedem
Que unica lhe nasceu, — unica adorna
A aridez melancholica do extremo,
Pallido sol... Não protesteis ! Roubal-a,
Arrancal-a aos meus ultimos instantes,
Não o fareis de certo. Pouco importa
Dès que a metade lhe levaes da vida,
Dès que seu coração, comvosco parte
Afeições minhas. — Ao demais, o sangue
Que lhe corre nas veias, condemnado,
Nuno, sera dos vossos... » Longo e frio
Olhar éstas palavras acompanha,
Como a arrancar-lhe o pensamento interno.
A donzella estremece. Nuno o alento
Recobra e falla : — « Puro sangue é elle,
Se lhe corre nas veias. Tão mimosa,
Candida creatura, alma tão casta,
Inda nascida entre os incréos da Arabia,
Deus a votára á conversão e á vida
Dos eleitos do ceu . Aguas sagradas
Que a lavaram no berço, ja nas veias
O sangue velho e impuro lhe trocaram
Pelo sangue de Christo... »

VII

Neste instante

Cresce o tumulto exterior. A virgem
Medrosa toda se conchega ao collo
Do velho pae. « Ouvis? Fallae! é tempo!
Nuno prosegue. — Este commum perigo
Chama os varões á rispida batalha;
Com elles vou. Se um galardão, emtanto,
Merecer de meus feitos, não á patria

Irei pedil-o ; so de vós o espero,
Não o melhor, mas o unico na terra,
Que a minha vida... » Rematar não pôde
Ésta palavra. Ao escutar-lhe a nova
Da imminente peleja
E a decisão de combater por ella,
Iuteiras sente as fôrças esvair-lhe
A donzella, e bem como ao rijo vento
Inelina o collo o arbusto
Nos braços desmaiou do paé. Volvida
A si, na pallidez do rosto o velho
Attenta um pouco, e suspirando : « As armas
Empunhae ; combatei ; Angela é vossa.
Não de mim a havereis : ella a si mesma
Toda nas vossas mãos se entrega. Morta
Ou feliz é a escolha ; não vacillo :
Seja feliz, e folgarei com ella... »

VIII

Sobre a fronte dos dous, as mãos impondo
Ao scio os conchegou, bem como a tenda
Do patriarcha santo agasalhava
O moço Isaac e a delicada virgem
Que entre os rios nasceu. Delicioso
E solemne era o quadro ; mas solemne
E delicioso embora, ia esvair-se
Qual celeste visão, que accende a espaços

O ânimo do infeliz. A guerra, a dura
Necessidade de immolar os homens.
Por salvar homens, a terrível guerra
Corta o amoroso vínculo que os prende
E á moça o riso lhe converte em lagrymas.
Misera es tu, pallida flor ; mas soffre
Que o calor deste sol te acurve o calix,
Morta, não ; nem ja murcha — mas apenas
Como cançada de queimor do estio.
Soffre ; a tarde virá serena e branda
A reviver-te o alento ; a fresca noite
Choverá sôbre ti piedoso orvalho
E mais risonha surgirá á aurora.

IX

Foge á estancia da paz o hardido moço ;
Esperança, fortuna, amor e patria
A guerrear o levam. Ja nas veias
O vivo sangue irrequieto pulsa,
Como ancioso de correr por ambas,
A bella terra e a suspirada noiva.
Triste quadro a seus olhos se apresenta;
Nos femininos rostos ve pintados

Incerteza e terror ; lamentos, gritos
Soam de entorno. Voam pelas ruas
Homens de guerra ; homens de paz se aprestam
Para a crua peleja ; e, ou nobre estancia,
Ou choupana rasteira, armado é tudo
Contra a forte invasão. Nem la se deixa
Quieto, a sos com Deus, na estreita cella,
O solitario monge que ás batalhas
Fugiu da vida. O patrimonio sancto
Cumpre salvá-o. Cruz e espada empunha,
Deixa a serena região da prece
E voa ao torvelinho do combate.

X

Entre os fortes alumnos que dirige
O hardido Bento (*), a perfilar-se corre
Nuno. Estes são os que o primeiro golpe
Descarregam no attonito inimigo.
Do militar officio ignoram tudo,
De armas não sabem ; mas o brio e a honra
E a lembrança da terra em que primeiro
Viram a luz, e onde o perdel-a é doce,

(*) V. nota, no fim.

Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo
Do nobre esforço e galhardia rara,
Com que inda nos humbraes da vida que orna
Tanta esperança, tanto sonho de ouro,
Resolutos a morte encaram, prestes
A retalhar nas dobras
Da vestidura funebre da patria
O piedoso lençol que os leve á campa,
Ou com ella cingir o eterno louro.

XI

O' mocidade, ó baluarte vivo
Da cara patria ! Ja perdida é ella,
Quando em teu peito enthusiasmo sançto
E puro amor se extingue, e áquelle nobre,
Generoso despejo e ardor antigo
Succede o frio calcular, e o torpe
Egoismo, e quanto ha hi no humano peito,
Que a natureza não creou nem ama,
Que é fructo nosso e podre... Muitos caem

Mortos alli. Que importa ? Vão seguindo
Avante os bravos, que a invasão caminha
Implacavel e dura, como a morte,
A pelear e a destruir. Tingidas

Ruas de extranho sangue

E sangue nosso, lacerados membros,
Corpos de que ha fugido a alma caçada,
E o denso fumo e os funebre lamentos,
Quem nêssa confusão, miseria e glória
Conhecerá da juvenil cidade
O aspecto, a vida ? Aqui da infancia os dias
Nuno vivêra, á vecejante sombra
Do seu patrio arvoredado, ao som das vagas
Que inda batendo vão na amada areia ;
Risos, jogos da verde meninice,
Ésta praia lhe lembra, aquella pedra,
A mangueira do campo, a tosca cerca
De espinheiro e de flores enlaçadas,
A ave que voa, a brisa que suspira,
Que suspira como elle ha suspirado,
Quando rompendo o coração do peito
Ia-lhe empos dessa visão divina,
Realidade agora... E ha de perdel-as
Patria e noiva ? Ésta ideia lhe esvoaça
Torva e surda no cerebro do moço,

E ao contrahido espirito redobra
Impeto e fôrças. Rompe
Por entre a multidão dos seus, e investe
Contra o duro inimigo ; as balas voam,
E com ellas a morte, que não sabe
Dos escolhidos seus a terra e o sangue,
E indistinctos os toma ; elle, no meio
Daquelle horrivel turbilhão, parece
Que a faisca do genio o leva e ánima,
Que a fortuna o votára á glória.

XII

Soam

Emfim os gritos de triumpho ; e o peito
Do povo que lutou respira á larga,
Como ao que, apos ardua subida, chega
Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos
Estende pelo azul dos ceus, e a vida
Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue
A victória custára ; mas, se em meio
De tanta glória ha lagrymas, soluços,

Gemidos de viuvez, quem os escuta,
Quem as ve essas lagrymas choradas
Na multidão da praça que troveja
E folga e ri? O sacro bronze que usa
Os fieis convidar á prece, e a morte
Do homem pranteia lugubre e solemne,

Ora festivo canta

O commum regosijo ; e pela aberta
Porta dos templos entra a frouxo o povo
A agradecer com lagrymas e vozes
O triumpho, — piedoso instincto da alma,
Que a Deus levanta o pensamento e as graças.

XIII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,
Voa nas azas rútilas e leves
Da fortuna e do amor. Como ao indiano,
Que, ao regressar das porfiadas lutas,
Por éstas mesmas regiões entrava,
A enconral-o sahia a meiga espòsa,
— A recente christã, entre assustada
E jubilosa coroará teus feitos

Co'a melhor das capellas que hão pousado
Em frente de varão, — um doce e longo
Olhar que inteiro encerra a alma que chora
De gôsto e vida ! Voa o moço á estancia
Do ancião ; e ao pôr na suspirada porta
Olhos que traz famintos de encontral-a,
Frio terror lhe empece os membros. Frouxo
Ia o sol trañsmontando ; lenta a vaga
Melancholicamente ali gemia,
E todo o ar parecia arfar de morte.
Qual se pallida a víra, ja cerrados
Os desmaiados olhos,
Frios os doces labios
Cançados de pedir aos ceus por elle,
Nuno estacára ; e pelo rosto em fio
O suor lhe cahiu da extrema angústia ;
Longo tempo vacilla ;
Vence-se emfim, e entra a mansão da espôsa.

XIV

Quatro vultos na camera paterna
Eram. O pae sentado,
Calado e triste. Reclinada a fronte
No espaldar da cadeira, a filha os olhos
E o rosto esconde, mas tremor contínuo
De um abafado soluçar o esbelto
Corpo lhe agita. Nuno aos dous se chega ;
Ia a fallar, quando a formosa virgem,
Os lacrymosos olhos levantando,
Um grito solta do íntimo do peito

E se lhe prostra aos pes : « Oh ! vivo, es vivo !
Inda bem... Mas o ceu, que por nós vela,
Aqui te envia... Salva-o tu, se podes,
Salva meu pobre pae ! » Estremecendo
Nella e no velho fita Nuno os olhos,
E agitado pergunta : « Qual ousado
Braço lhe ameaça a vida ? » Cavernosa
Uma voz lhe responde : « O sancto officio ! »
Volve o mancebo o rosto
E o merencorio aspecto
De dous familiares todo o sangue
Nas veias lhe gelou.

XV

Solemne o velho

Com voz, não frouxa, mas pausada, falla :
« — Ves? todo o brio, todo o amor no peito
Te emudeceu. So lastimar-me podes,
Salvar-me, nunca. O carcere me aguarda,
E a fogueira talvez ; cumpril-a, é tempo,
A vontade de Deus. Tu, pae e espôso
Da desvalida filha que ahi deixo,
Nuno, seras. A lembrar com ella
Meu pobre nome, applicareis a immensa

Colera do Senhor... » Sorrindo ironico,
Éstas palavras últimas lhe caem
Dos labios tristes. Ergue-se : « Partamos !
Adeus ! Negou-me Aquelle que no campo
Deixa a arvore ancian perder as folhas
No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,
Negou-me ver por éstas longas serras
Ir-se-me o último sol. Brando regaço
A filial piedade me daria
Em que eu dormisse o derradeiro somno,
E em braços de meu sangue transportado
Fôra em horas de paz e de silêncio
Levado ao leito extremo e eterno. Vive
Ao menos tu... »

XVI

Um familiar lhe corta
O adeus último : « Vamos : é ja tempo ! »
Resignado o infeliz, ao seio aperta
A filha, e todo o coração n'um beijo
Lhe transmittiu, e a caminhar começa.
Angela os lindos braços sobre os hombros
Trava do austero pae ; flores dissereis
De parasita, que enroscou seus ramos
Pelo cançado tronco, esteril, sêcco

De árvore antiga : « Nunca ! Não de primeiro
A alma arrancar-me ! Ou se heis peccado, e a morte
Pena hade ser da commettida culpa,
Comvosco descerei á campã fria,
Junctos a mergulhar na eternidade.

Israel tem vertido
Um mar de sangue. Embora ! á tona delle
Verdeja a nossa fe, a fe que anima
O eleito povo, flor suave e bella
Que o medo não desfolha, nem ja sécca
Ao vento mau da colera dos homens ! »

XVII

Trémula a voz do peito lhe sahia.
Das mãos lhe trava um dos algozes. Ella
Entrega-se risonha,
Como se o calix da amargura extrema
Pelos meles da vida lhe trocassem
Celeste e eterna. O coração do moço
Latejava de espanto e susto. Os olhos
Pousa na filha o desvairado velho.

Que ouviu?— Attenta nella ; o lindo rosto
O ceu não busca jubiloso e livre,
Antes, como travado de agra pena,
Pende-lhe agora ao chão. Dizia acaso
Entre si mesma uma oração, e o nome
De Jesus repetia, mas tão baixo,
Que o coração do pae mal pôde ouvir-lh'o.
Mas ouviu-lh'o ; e tão forte amor, tamanho
Sacrificio da vida a alma lhe rasga
E deslumbra. Escoou-se um breve tempo
De silêncio ; elle e ella, os tristes noivos,
Como se a eterna noite os recebêra,
Gelados eram ; levantar não ousam
Um para o outro os arrasados olhos
De mal contidas e teimosas lagrymas.

XVIII

Nuno emfim, lentamente e a custo arranca
Do coração éstas palavras : « Fôra
Misericordia ao menos confessal-o
Quando ao fogo do barbaro inimigo
Me era facil deixar o derradciro
Sopro da vida. Premio é este acaso
De tamanho lidar? Que mal te hei feito,
Porque me dêis tão barbara e medonha

Morte, como ésta, em que o cadaver guarda
Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto
Da vida que fugiu? » Angela os olhos
Maguados ergue; arfa-lhe o peito afflicto,
Como o dorso da vaga que entumece
A aza da tempestade. « Adeus! » suspira
E a fronte abriga no paterno seio.

XIX

O rebelde ancião, domado entanto,
Afracar-se-lhe sente dentro d'alma
O sentimento velho que bebêra
Com o leite dos seus ; e sem que o labio
 Transmitta a ouvidos de homem
O duvidar do coração, murmura
Dentro de si : « Tão poderosa é essa
Ingenua fe, que inda negando o nome

Do seu Deus, confiada aceita a morte,
E guarda puro o sentimento interno
Com que o veu rasgará da eternidade ?
O' Nazareno, ó filho do mysterio,
Se é tua lei a unica da vida
Escreve-m'a no peito ; e dá que eu veja
Morrer commigo a filha de meus olhos
E unidos irmos, pela porta immensa
Do teu perdão, á eternidade tua ! »

XX

Mergulhára de todo o sol no occaso,
E a noite, clara, deliciosa e bella,
A cidade cobriu, — não socegada,
Como costuma, — porém leda e viva,
Cheia de luz, de cantos e rumores,
Victoriosa emfim. Elles, calados,
Foram por entre a multidão alegre,
A penetrar o carcere sombrio

Donde ao mar passarão, que os leve ás praias
Da ancian Europa. Carregado o rosto,
la o pae ; ella, não. Serena e meiga,
Entra affouta o caminho da amargura,
A custo soffreando internas maguas
Da amarga vida, breve flor como ella,
Que inda mais breve a mente lhe affigura.
Anjo, descêra da região celeste
A pairar sobre o abysmo ; anjo, subia
De novo á esphera luminosa e eterna,
Patria sua. Levar-lhe-ha Deus em conta
O muito amor e o padecer extremo,
Quando romper a tunica da vida
E o silêncio immortal fechar seus labios,

JOSÉ BONIFÁCIO

De tantos olhos que o brilhante lume
Viram do sol amortecer no occaso,
Quantos verão nas orlas do horisonte
Resplandecer a aurora ?

Innumeras, no mar da eternidade,
As gerações humanas vão cahindo ;
Sôbre ellas vae lançando o esquecimento
A pesada mortalha.

Da agitação esteril em que as fôrças
Consumiram da vida, raro apenas
Um echo chega aos seculos remotos,
E o mesmó tempo o apaga.

Vivos transmite a popular memoria
O genio creador e a sã virtude,
Os que o patrio torrão honrar souberam,
E honrar a especie humana.

Vivo irás tu, egregio e nobre Andrada !
Tu, cujo nome, entre os que á patria deram
O baptismo da amada independencia,
Perpetuamente fulge.

O engenho, as fôrças, o saber, a vida,
Tudo votaste á liberdade nossa,
Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos
Inconcussa deixaram.

Nunca interesse vil manchou teu nome,
Nem abjectas paixões ; teu peito illustre
Na viva chamma ardeu que os homens leva
Ao sacrificio honrado.

Se teus restos ha muito que repousam
 No po commum das gerações extinctas,
 A patria livre que legaste aos netos,
 E te venera e ama,

Nem a face mortal consente á morte
 Que te roube, e no bronze redivivo
 O austero vulto restitue aos olhos
 Das vindouras edades.

« Vede (lhes diz) o cidadão que teve
 Larga parte no largo monumento
 Da liberdade, a cujo seio os povos
 Do Brasil se acolheram.

« Póde o tempo varrer, um dia, ao longe,
 A fabrica robusta ; mas os nomes
 Dos que o fundaram viverão eternos,
 E viverás, Andrada ! »

A VISÃO DE JACIUCA

Où sont ces âmes guerrières .. et ces arcs
qu'on ne vit jamais tendus en vain?

BOSSUET : *Orais. fun. de la princesse Palatine.*

Prestes de novo a batalhar, chegavam
Os valentes guerreiros. Mas onde elle,
O duro chefe da indomavel tribu,
O senhor das montanhas? Affirmava

Tatupeba que o vira, antes da aurora,
Erguer-se, e ao longo do visinho rio,
Por algum tempo caminhar calado,
Como se o abafára um pensamento
E lhe impedira o somno. Vão receio
De batalhar? Oh ! não ! Quasi na infancia,
A torva catadura viu da guerra,
Officio de homens, que aprendeu brincando
Com seu pae, extremado entre os guerreiros,
E na bravura e na prudencia ; a frecha
Ninguem soubera menear como elle,
Nem mais veloz, nem mais certa nunca.

A lentos passos caminhando chega,
Emfim, o bravo Jaciuca. Torvo
E merencorio traz o duro aspecto.
» — Vamos (diz elle) a descansar na taba,
Entre festas e dansas ; penduremos
As armas nossas, que sobeja ha sido
A glória, e a doce paz nos chama. »

Leve,

Surdo rumor entre os guerreiros soa ;
Vai subindo, é rugido, é ja tumulto,
Como o grunhir de tajassús no matto,

Que se approxima e cresce. Jaciuca
Olhos quietos pelo campo estende ;
Seu feio rosto é como a rocha dura
Que o raio quebra, mas não lasca o vento.
Fecha os labios e pensativo espera.

Tatupeba, que a raiva a custo esconde,
Ergue-se então ; crava-lhe os fulvos olhos,
Como a afiada ponta de uma frecha.
Seu porte, entre os irmãos, semelha á vista
Jequitibá robusto ; mais que todos,
Terror inspira e universal respeito.
Ergue-se e falla : « — Longos soes hei visto,
Pelejei muitas guerras ; a meu lado
Vi cahir mais valentes do que folhas
Arranca o furacão ; mas nunca o ânimo
Dos lidadores abalou palavra
Como essa tua ; nunca os braços nossos
Ficar deixaram nos desertos campos
Os ossos não vingados dos guerreiros.
Que genio mau te insinuou tal crime ? »

Assim fallando, Tatupeba o solo
Com a planta feriu. Os olhos todos
Pendem da boca do sombrio chefe.
Silencioso Jaciuca ouvira
As fallas do guerreiro ; silencioso
E quieto ficou. Apos instantes,
A fronte sacudiu, como expellindo
Ideias más que o cerebro lhe turvam,
E a voz lhe rompe do íntimo do peito.

« O' guerreiros, (diz elle), aqui deitados
Estivestes a noite, e toda inteira
A dormistes de certo ; eu, não distante,
Do rio á marge a trabalhar commigo,
Afiava na mente atra vingança;
Até que os frouxos membros descahiram
Sôbre a macia relva, e um tempo largo
Assim fiquei entre vigilia e somno.
Viam meus olhos ondular as aguas,
Mas no alheado pensamento os echos
Sussurravam da infancia. Um genio amigo
Aos tempos me levava em que no rosto

De meu pae aprendi, com frio pasmo,
A rara intrepidez, válida herança,
Que tanto custa ao perfido inimigo.

« De repente, uma luz pallida e triste
Inunda o campo : transparente nevoa
E luminosa aquillo parecia,
Ou baço reflectir da branca lua
Que nuvens cobrem. Livido e curvado,
Içayba a meus olhos apparece.
Vi-o qual era antes da fria morte ;
So a expressão do rosto lhe mudára ;
Energicas não tinha, mas serenas
As feições. « Vem commigo ! » Assim me falla
O extincto bravo ; e, subito estreitando
Ao peito o corpo do saudoso amigo,
Juntos voámos á região das nuvens.
« Olha ! » disse Içayba, e o braço alonga
Para a terra. O' guerreiros ! largo espaço
Era prêsa de alheio senhorio.
Fitei os olhos mais ; e pouco a pouco,
Como enche o rio e todo o campo alaga,
Umas gentes extranhas se estendiam

De sertão em sertão. Prêsas do fogo
As mattas vi, abrigo do guerreiro,
E ao torvo incendio e ás invasões da morte
Vi as tribus fugir, ceder a custo,
Com lagrymas alguns, todos com sangue,
A virgem terra ao barbaro inimigo.
Mau vento os trouxe de remota praia
Aquelles homens novos, jamais vistos
De guerreiro ancião, a quem não coube
Sequer a gloria de morrer contente
E todo reviver na ousada prole.
Era o termo da vida que chegára
Ao povo de Tupan ! Grito de morte
Unico enchia os ares, — um suspiro
De tristeza e terror, que reboava
Pelos recessos da floresta antiga
E talvez ameigava o peito ás feras...
Surdos os manitôs deixado haviam
Os seus fortes heroes ; surdos se foram
Entre os genios folgar da raça nova,
E rir talvez das lagrymas choradas
Pelos olhos das virgens... Oh ! se ao menos
Fôra pranto de livres ! Era a morte
A menor das angústias ; vi curvada
E captiva rojar no po da terra

A frente do guerreiro, agora altiva,
Livre, como o condor que frecha as nuvens ;
Não kanitar a cinge, mas vergonha,
Melancholico adôrno do vencido.

« O rosto desviei do extranho quadro.
« Olha ! » repete o pallido Içayba.
Olhei de novo, e na saudosa taba,
Que os nossos arcos defender souberam,
Em vez da sombra do piaga santo,
Que ao som do maracá, colhia as vozes
Do pensamento eterno, e as infundia
No seio do guerreiro, como o fumo
Do petum lhe dobrava impeto e fôrça,
Um vulto descobri de vestes negras,
Nua quasi a cabeça, e còr de espuma
Alguns cabellos raros. Tinha o rosto
Alvo e quieto. Em suas mãos sustinha
Extenso lenho com dous curtos braços.
Ia so ; todo o campo era deserto.
Nem um guerreiro ! um arco ! « — A tribu ? »
— « Extincta. »

« A tal palavra, uma pesada sombra
A vista me apagou, e pela face
Senti rolar a lagryma primeira.
O sinistro espectaculo mudára.
Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos
Achei-me junto do visinho rio,
Reclinado como antes, e defronte
A pallida figura de Içayba.
« — Torna á taba, me disse o extinto moço ;
« Luas e luas volverão no espaço
« Antes da morte, mas a morte é certa,
« E terrível sera. Nação bem outra,
« Sôbre as ruinas da valente raça
« Virá sentar-se, e brilhará na terra
« Gloriosa e rica. Uma chorada lagryma,
« Talvez, talvez, no meio do triumphos
« Ha de ser a tardia, escassa paga
« Da morte nossa. Poupa ao menos essa
« Derradeira esperança de guardal-o
« Todo o valor para o supremo dia
« E com honra ceder a extranhas hostes ;
« Salva ao menos as últimas reliquias
« Desta nação vencida ; não se rasguem
« Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram
« E Anhangá fez contrarios... Todos elles

« Poucos serão para a tremenda luta,
« Mas de sobra hão de ser para choral-a. »

« Assim fallára o pallido Içayba ;
Alguns instantes contemplou meu rosto,
Calado e firme. A cachoeira ao longe
Interrompia apenas o silêncio ;
E eu morto, eu mesmo me sentia morto.
Elle um triste suspiro magoado
Soltou do peito ; os apagados olhos
Ás estrêllas ergueu, sereno e triste,
E de novo rompendo o voo aos ares,
Como uma frecha penetrou nas nuvens.

CANTIGA DO ROSTO BRANCO (*)

Rico era o rosto branco ; armas trazia,
E o licor que devora e as finas telas ;
Na gentil Tibehyma os olhos pouosa,
E amou a flor das bellas.

« Quero-te! » disse á cortezã da aldêa ;
« Quando, juncto de ti, teus olhos miro,
A vista se me turva, as fôrças perco,
E quasi, e quasi expiro. »

(*) Veja nota no fim.

E responde a morena requebrando
Um olhar doce, de cobiça cheio :
« Deixa em teus labios imprimir meu nome ;
Aperta-me em teu seio ! »

Uma cabana levantaram ambos,
O rosto branco e a amada flor das bellas...
Mas as riquezas foram-se co'o tempo,
E as illusões com ellas.

Quando elle empobreceu, a amada moça
N'outros labios pousou seus labios frios,
E foi ouvir de coração extranho
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco
Triste nova colheu ; mas elle amava,
Inda infieis, aquelles labios doces,
E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria
A mendigar o grão de porta em porta,
Com que a moça nutrisse, em cujo peito
Jazia a affeição morta.

E para si, para afogar a magua,
Se um pouco havia do licor ardente,
A dor que o devorava e renascia
Matava lentamente.

Sempre trahido, mas amando sempre,
Elle a razão perdeu ; foje á cabana,
E vae correr na solidão do bosque
Uma carreira insana.

O famoso Sachem, ancião da tribu,
Vendo aquella traição e aquella pena,
Á ingrata filha duramente falla,
E rispido a condemna.

Em vão ! É duro o fructo da papaya,
Que o labio do homem acha doce e puro ;
Coração de mulher que já não ama
Esse é inda mais duro.

Nu, qual sabira do materno ventre,
Olhos cavos, a barba emmaranhada,
O misero tornou, e ao proprio tecto
Veiu pedir pousada.

Volvido se cuidava á flor da infancia
(Tão escuro trazia o pensamento !)
« Mãe ! » exclamava contemplando a moça,
« Acolhe-me um momento ! »

Vinha faminto. Tibehyma, entanto,
Que ja de outro guerreiro os dons houvera,
Sentiu asco daquelle que outro tempo
As riquezas lhe dera.

Fôra o lançou ; e elle expirou gemendo
Sôbre folhas deitado junto á porta ;
Annos volveram ; co' os volvidos annos,
Tibehyma era morta.

Quem alli passa, contemplando os restos
Da cabana, que a herva toda esconde,
Que ruinas são essas interroga
E ninguem lhe responde.

A GONSALVES DIAS

Ninguem virá, com titubiantes passos,
E os olhos lacrymosos, procurando
O meu jazigo...

GONSALVES DIAS.— *Ult. cant.*

Tu vive e gosa a luz serena e pura.

J. BAZILIO DA GAMA.— *Urug. c. v.*

Assim vagou por alongados climas,
E do naufragio os humidos vestidos
Ao calor enxugou de extranhos lares
O luzitano vate. Acerbas penas

Curtiu naquellas regiões ; e o Ganges,
Se o viu chorar, não viu pousar calada,
Como a harpa dos exules prophetas,
A heroica tuba. Elle a embocou, vencendo
Co' a lembrança do ninho seu paterno,
Longas saudades e miserias tantas.
Que monta o padecer ? Um so momento
As maguas lhe pagou da vida ; a patria
Reviu, apoz a suspirar por ella ;
E a velha terra sua
O despôjo mortal cobriu piedosa
E de sobejo o compensou de ingratos.

Mas tu, cantor da America, roubado
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube
Na terra em que primeiro houveste o lume
Do nosso sol, achar o último leito !
Não te coube dormir no chão amado,
Onde a luz frouxa da serena lua,
Por noite silenciosa, entre a folhagem
Coasse os raios humidos e frios,
Com que ella chora os mortos... derradeiras

Lagrymas certas que tera na campa
O infeliz que não deixa sôbre a terra
Um coração ao menos que o prantêe.

Vinha contudo o pallido poeta
Os desmaiados olhos estendendo
Pela azul extensão das grandes aguas,
A pesquisar ao longe o esquivo fumo
Dos patrios tectos. Na abatida fronte
Ave de morte as azas lhe roçára ;
A vida não cobrou nos ares novos,
A vida, que em vigílias e trabalhos,
Em prol dos seus, gastou por longos annos,
Co' essa larguesa de ânimo fadado
A entornar generoso a vital seiva.
Mas, que importava a morte, se era doce
Morrel-a á sombra deliciosa e amiga
Dos coqueiros da terra, ouvindo acaso
No murmurar dos rios,
Ou nos suspiros do nocturno vento,
Um echo melancholico dos cantos
Que elle outr'ora entoára ? Traz do exilio
Um livro, monumento derradeiro

Que á patria levantou ; alli revive
Toda a memoria do valente povo
Dos seus Tymbiras...

Subito, nas ondas
Bate os pes, espumante e desabrido,
O corsel da tormenta ; o horror da morte
Enfia o rosto aos nautas... Quem por elle,
Um momento hesitou quando na fragil
Tabua confiou a unica esperanza
Da existencia ? Mystério obscuro é esse
Que o mar não revellou. Ali, sosinho,
Travou naquella solidão das aguas
O duello tremendo, em que a alma e corpo
As suas fôrças últimas despendem
Pela vida da terra e pela vida
Da eternidade. Quanta imagem torva,
Pelo turbado espirito batendo
As fuscas azas, lhe tornou mais triste
Aquelle instante funebre ! Suave
É o arranco final, quando o ja frouxo
Olhar contempla as lagrymas do affecto,
E a cabeça repousa em seio amigo.

Nem affectos nem prantos ; mas somente
A noite, o medo, a solidão e a morte.
A alma que alli morava, ingenua e meiga,
Naquelle corpo exiguo, abandonou-o,
Sem ouvir os soluços da tristeza,
Nem o grave salmear que fecha aos mortos
O frio chão. Ella o deixou, bem como
Hóspede mal acceito e mal dormido,
Que prosegue a jornada, sem que leve
O ósculo da partida, sem que deixe
No rosto dos que ficam, — rara embora, —
Uma sombra de pallida saudade.

Oh ! sôbre a terra em que pousaste um dia,
Alma filha de Deus, ficou teu rasto
Como de estrêlla que perpétua fulge !
Não viste as nossas lagrymas ; comtudo
O coração da patria as ha vertido.
Tua glória as seccou, bem como orvalho
Que a noite amiga derramou nas flores
E o raio enxuga da nascente aurora.
Na mansão a que foste, em que ora vives,
Has de escutar um echo do concerto

Das vozes nossas. Ouvirás, entre ellas,
Talvez, em labios de indiana virgem !
Ésta saudosa e suspirada nenia :

« Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo !

« A grande agua o levou como invejosa.
Nenhum pe trilhará seu derradeiro
Funebre leito ; elle repousa eterno
Em sitio onde nem olhos de valentes,
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhes
Os frios restos. Sabiá da praia
De longe o chamará saudoso e meigo,
Sem que elle venha repetir-lhe o canto.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo !

Elle houvera do Ybake o dom supremo
De modular nas vozes a ternura,
A cholera, o valor, tristeza e magua,
E repetir aos namorados eelhos

Quanto vive e reluz no pensamento.
Sòbre a margem das aguas escondidas,
Virgem nenhuma suspirou mais terna,
Nem mais válida a voz ergueu na taba,
Suas nobres acções cantando aos ventos,
O guerreiro tamoyo. Doce e forte,
Brotava-lhe do peito a alma divina.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo !

« Coema, a doce amada de Itajuba,
Coema não morreu ; a folha agreste
Póde em ramas ornar-lhe a sepultura,
E triste o vento suspirar-lhe em torno ;
Ella perdura a virgem dos Tymbiras,
Ella vive entre nós. Airosa e linda,
Sua nobre figura adorna as festas
E enflora os sonhos dos valentes. Elle,
O famoso cantor quebrou da morte
O eterno jugo ; e a filha da floresta
Hade a história guardar das velhas tabas
Linda depois das últimas ruínas.

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo !

« O piaga, que foge a extranhos olhos,
E vive e morre na floresta escura,
Repita o nome do cantor ; nas aguas
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos
Uma sentida lagryma, arrancada
Do coração que elle tocára outr'ora,
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,
E na voz celebrou de eternos carmes.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros !
Virgens da matta, suspirae commigo ! »

OS SEMEADORES

(SECULO XVI)

Eis ahi sahiu o que seméa a semear.

MATH. XIII, 3.

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fructo e a flor,
Acaso esqueceréis os asperos e amargos
Tempos do sementeiro ?

Rude era o chão ; agreste e longo aquelle dia ;
Comtudo, esses heroes
Souberam resistir na afanosa porfia
Aos temporaes e aos soes.

Poucos ; mas a vontade os poucos multiplica,
E a fé, e as orações
Fizeram transformar a terra pobre em rica
E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,
O frio, a descalcez,
O morrer cada dia uma morte sem nome,
O morrel-a, talvez,

Entre barbaras mãos, como se fôra crime,
Como se fôra reu
Quem lhe ensinára aquella acção pura e sublime
De as levantar ao ceu !

O' Paulos do sertão ! Que dia e que batalha !
Vencestel-a ; e podeis
Entre as dobras dormir da secular mortalha ;
Vivireis, vivireis !

A FLOR DO EMBIROÇU

Noite, melhor que o dia, quem não te ama ?

FIL. ELYS.

Quando a nocturna sombra envolve a terra'
E á paz convida o lavrador cançado,
Á fresca brisa o seio delicado
A branca flor do embiroçu descerra.

E das limpidas lagrymas que chora
A noite amiga, ella recolhe alguma ;
A vida bebe na ligeira bruma,
Até que rompe no horisonte a aurora.

Então, á luz nascente, a flor modesta,
Quando tudo o que vive alma recobra,
Languidamente as suas folhas dobra,
E busca o somno quando tudo é festa.

Suave imagem da alma que suspira
E odeia a turba vã ! da alma que sente
Agitar-se-lhe a aza impaciente
E a novos mundos transportar-se aspira !

Tambem ella ama as horas silenciosas,
E quando a vida as lutas interrompe,
Ella da carne os duros elos rompe,
E entrega o seio ás illusões viçosas.

É tudo seu, — tempo, fortuna, espaço,
E o ceu azul e os seus milhões de estrêllas ;
Abrazada de amor, palpita ao vel-as,
E a todas cinge no ideal abraço.

O rosto não encara indiferente,
Nem a traidora mão candida aperta ;
Das mentiras da vida se liberta
E entra no mundo que jamais não mente.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama ?
Labor ingrato, agitação, fadiga,
Tudo faz esquecer tua aza amiga
Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha á hora
Em que o último olhar o sol lhe estende,
Vive, embala-se, orvalha-se, recende,
E as folhas cerra quando rompe a aurora.

LUA NOVA

Mãe dos fructos, Jacy, no alto espaço
Eil-a assoma serena e indecisa :
Sôpro é della ésta languida brisa
Que sussurra na terra e no mar.
Não se mira nas aguas do rio,
Nem as hervas do campo branqueia ;
Vaga e incerta ella vem, como a ideia
Que inda apenas começa a esportar.

E iam todos ; guerreiros, donzellas,
Velhos, moços, as redes deixavam;
Rudes gritos na aldêa soavam,
Vivos olhos fugiam p'ra o ceu :
Iam ve-la, Jacy, mãe dos fructos,
Que, entre um grupo de brancas estrêllas,
Mal scintilla : nem póde vencel-as,
Que inda o rosto lhe cobre amplo veu.

E um guerreiro : « Jacy, doce amada,
Retempera-me as fôrças ; não veja
Olho adverso, na dura peleja,
Este braço ja frouxo cahir.
Vibre a setta, que ao longe derruba
Tajassú, que roncando caminha ;
Nem lhe escape serpente damninha,
Nem lhe fuja pesado tapir. »

E uma virgem : « Jacy, doce amada,
Dobra os galhos, carrega esses ramos
Do arvoredado co'as fructos que damos

Aos valentes guerreiros, que eu vou
A buscal-os na matta sombria,
Por trazel-os ao moço prudente,
Que venceu tanta guerra valente,
E estes olhos consigo levou. »

E um ancião, que a saudára ja muitos,
Muitos dias : « Jacy, doce amada,
Dá que seja mais longa a jornada,
Dá que eu possa saudar-te o nascer,
Quando o filho do filho, que hei visto
Triumphar de inimigo execrando,
Possa as pontas de um arco dobrando
Contra os arcos contrarios vencer. »

E elles riam os fortes guerreiros,
E as donzellas e espôsas cantavam,
E eram risos que d'alma brotavam,
E eram cantos de paz e de amor.
Rude peito criado nas brenhas,
— Rude embora, — terreno é propício ;
Que onde o germen lançou beneficio
Brota, enfolha, verdeja, abre em flor.

SABINA

Sabina era mucama da fazenda ;
Vinte annos tinha ; e na provincia toda.
Não havia mestiça mais á moda,
Com suas roupas de cambraia e renda.

Captiva, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para trabalho rude ;
Desbrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e affeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá moça,
Que com ella brincou sendo menina,
Sòbre todas amava ésta Sabina,
Com esse ingenuo e puro amor da roça.

Dizem que á noite, a suspirar na cama,
Pensa n'ella o feitor ; dizem que um dia,
Um hóspede que alli passado havia,
Poz um cordão no collo da mucama.

Mas que vale uma joia no pescoço ?
Não pôde haver o coração da bella.
Se alguém lhe accende os olhos de gazella,
É pessoa maior : é o senhor moço.

Ora, Octavio cursava a Academia.
Era um lindo rapaz ; a mesma edade
Co'as passageiras flores o adornava
De cujo extincto aroma inda a memoria
Vive na tarde pallida do outomno.
Oh ! vinte annos ! O' pombas fugitivas

Da primeira estação, porque tão cedo
Voaes de nós ? Pudesse ao menos a alma
Guardar comsigo as illusões primeiras,
Virgindade sem preço, que não paga
Essa descolorida, arida e sêcca
Experiencia do homem !

—

Vinte annos

Tinha Octavio, e a belleza e um ar de côrte
E o gesto nobre, e seductor o aspecto ;
Um vero Adonis, como aqui diria
Algum poeta classico, d'aquella
Poesia que foi nobre, airosa e grande
Em tempos idos, que ainda bem se foram...
Tambem eu a adorei, uma hora ao menos,
E suspirei d'estes remotos climas
Pelas formosas ribas do Scamandro,
Onde descia, entre soldados gregos,
A moça Venus ; frivolo suspiro
Que não pode accordar dos seus sepulchros
Esses numes brincões da velha idade,
Mortos por seus peccados, — que os tiveram,
E por socego nosso. Eram amaveis

E bellos no seu tempo ; hoje fariam
Egual papel ao do tardio máscara
Que, ao desdobrar a aurora os pannos de ouro,
Entre madrugadores se aventura.

—

Cursava a Academia o moço Octavio ;
Ia no anno terceiro : não remoto
Via desenrolar-se o pergaminho,
Premio de seus labôres e fadigas ;
E uma vez bacharel, via mais longe
Os curvos braços da feliz cadeira
D'onde o legislador a redea empunha
Dos lepidos frisões do Estado. Emtanto,
Sôbre os livros de estudo, gota a gota
As horas despendia, e trabalhava
Por metter na cabeça o jus romano
E o patrio jus. Nas suspiradas ferias
Volvia ao lar paterno ; ali no dorso
De brioso corsel corria os campos,
Ou, arma ao hombro, polvorinho ao lado,
Á caça dos veados e cotias,
Ia matando o tempo. Algumas vezes
Com o padre vigario se entretinha

Em desfiar um ponto de intrincada
Philosophia, que o senhor de engenho,
Feliz pae, escutava glorioso,
Como a rever-se no brilhante aspecto
Do suas ricas esperanças.

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito
Octavio ; em quatro sorvos toda esgota
A taça de café. Chapeo de palha,
E arma ao hombro, la foi terreiro fóra,
Passarinhar no matto. Ia costeando
O arvoredado que além beirava o rio,
A passo curto, e o pensamento á larga,
Como leve andorinha que sahisse
Do ninho, a respirar o hausto primeiro
Da manhã. Pela aberta da folhagem,
Que inda não doura o sol, uma figura
Deliciosa, um busto sôbre as ondas
Suspende o caçador. Mãe d'agua fóra,
Talvez, se a côr de seus quebrados olhos
Imitasse a do ceu : se a tez morena,
Morena como a espôsa dos Cantares,

Alva tivesse ; e raios de ouro fossem
Os cabellos da côr da noite escura,
Que ali soltos e humidos lhe caem,
Como um veu sôbre o collo. Trigueirinha,
Cabello negro, os largos olhos brandos
Côr de jaboticaba, quem sería,
Quem, senão a mucama da fazenda,
Sabina, emfim ? Logo a conhece Octavio,
E n'ella os olhos espantados fita
Que desejos accendem. — Mal cuidando
D'aquelle extranho curioso, a virgem
Com os ligeiros braços rompe as aguas,
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,
Talhado pela mão da natureza
Sôbre modêlo classico. Na opposta
Riba suspira um passarinho ; e o canto,
E a meia luz, e o sussurrar das aguas,
E aquella fada ali, tão doce vida
Davam ao quadro, que o ardente alumno
Trocára por aquillo, uma hora ao menos,
A Faculdade, o pergaminho e o resto.

Subito erige o corpo a ingenua virgem ;
Com as mãos, os cabellos sôbre a espadua

Deita, e rasgando lentamente as ondas,
Para a margem caminha, tão serena,
Tão livre como quem de extranhos olhos
Não suspeita a cubiça... Veu da noute,
Se lh'os cubrira, dissipára acaso
Uma história de lagrymas. Não póde
Furtar-se Octavio á commoção que o toma ;
A clavina que a esquerda mal sustenta
No chão lhe cae ; e o baque surdo accorda
A descuidada nadadora. Ás ondas
A virgem torna. Rompe Octavio o espaço
Que os divide ; e de pe, na fina area,
Que o molle rio lambe, erecto e firme,
Todo se lhe descobre. Um grito apenas
Um so grito, mas unico, lhe rompe
Do coração ; terror, vergonha... e acaso
Prazer, prazer mysterioso e vivo
De captiva que amou silenciosa,
E que ama e ve o objecto de seus sonhos,
Ali com ella, a suspirar por ella.

« Flor da roça nascida ao pe do rio,
Octavio começou — talvez mais bella

Que essas bellezas cultas da cidade,
Tão cobertas de joias e de sedas,
Oh ! não me negues teu suave aroma !
Fez-te captiva o berço ; a lei somente
Os grilhões te lançou ; no livre peito
De teus senhores tens a liberdade,
A melhor liberdade, o puro affecto
Que te elegeu entre as demais captivas,
E de affagos te cobre ! Flor do matto,
Mais viçosa do que essas outras flores
Nas estufas criadas e nas salas,
Rosa agreste nascida ao pe do rio
Oh ! não me negues teu suave aroma ! »

Disse, e da riba os cubiçosos olhos
Pelas aguas estende, enquanto os d'ella,
Cobertos pelas palpebras medrosas
Choram, — de gôsto e de vergonha a um tempo, —
Duas unicas lagrymas. O rio
No seio as recebeu ; comsigo as leva,
Como gottas de chuva, indifferente
Ao mal ou bem que lhe povoa a margem ;
Que assim a natureza, ingenua e docil

Às leis do Creador, perpétua segue
Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem
Padecer e saber que sente e morre.

Pela azulada esfera inda tres vezes
A aurora as flores derramou, e a noite
Veze tres a mantilha escura e larga
Mysteriosa cingiu. Na quarta aurora,
Anjo das virgens, anjo de azas brancas,
Pudor, onde te foste ? A alva capella
Murcha e desfeita pelo chão lançada,
Coberta a face do rubor do pêjo,
Os olhos com as mãos velando, alçaste
Para a Eterna Pureza o eterno voo.

Quem ao tempo cortar pudera as azas
Se deleitoso voa ? Quem pudera
Suster a hora abençoada e curta
Da ventura que foge, e sôbre a terra
O gôzo transportar da eternidade ?
Sabina viu correr tecidos de ouro
Aquelles dias unicos na vida

Toda enlevo e paixão, sincera e ardente
N'esse primeiro amor d'alma que nasce
E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,
Consciencia ; razão, tu lhe fechavas
A vista interior ; e ella seguia
Ao sabor dessas horas mal furtadas
Ao captiveiro e á solidão, sem vel-o
O fundo abysmo tenebroso e largo
Que a separa do eleito de seus sonhos,
Nem presentir a brevidade e a morte !

E com que olhos de pena e de saudade
Viu ir-se um dia pela estrada fóra
Octavio ! Aos livros torna o moço alumno,
Não cabisbaixo e triste, mas sereno
E lepidio. Com ella a alma não fica
De seu joven senhor. Lagryma pura,
Muito embora de escrava, pela face
Lentamente lhe rola, e lentamente
Toda se esvae n'um pallido sorriso
De mãe.

Sabina é mãe ; o sangue livre
Gyra e palpita no captivo seio
E lhe paga de sobra as dores cruas
Da longa ausencia. Uma por uma, as horas
Na solidão do campo hade contal-as,
E suspirar pelo remoto dia
Em que o veja de novo... Pouco importa,
Se o materno sentir compensa os males.

Riem-se d'ella as outras ; é seu nome
O assumpto do terreiro. Uma invejosa
Acha-lhe uns certos modos singulares
De senhora de engenho ; um pagem moço,
De cubiça e ciúme devorado,
Desfaz nas graças que em silêncio adora
E consigo medita uma vingança.
Entre os parceiros, desfiando a palha
Com que entrança um chapéu, solememente
Um Cassange ancião refere aos outros
Alguns cases que viu na mocidade
De captivas amadas e orgulhosas,

Castigadas do ceu por seus peccados,
Mortas entre os grilhões do captiveiro.

Assim fallavam elles ; tal o aresto
Da opinião. Quem evital-o póde
Entre os seus, por mais baixo que a fortuna
Haja tecido o berço ? Assim fallavam
Os captivos do engenho ; e porventura
Sabina o soube e o perdoou.

Volveram

Apos os dias da saudade os dias
Da esperança. Ora, quiz fortuna adversa
Que o coração do moço, tão voluvel
Como a brisa que passa ou como as ondas,
Nos cabellos castanhos se prendesse
De donzella gentil, com quem atára
O laço conjugal : uma belleza
Pura, como o primeiro olhar da vida,
Uma flor desbrochada em seus quinze annos,
Que o moço viu n'um dos serões da côrte

E captivo adorou. Que ha de fazer-lhes
Agora o pae? Abençoar os noivos
E ao regaço trazel-os da familia.

Oh longa foi, longa e ruidosa a festa
Da fazenda, por onde alegre entrára
O moço Octavio conduzindo a esposa.
Viu-os chegar Sabina, os olhos seccos
Attonita e pasmada. Breve o instante
Da vista foi. Rapido foge. A noite
A seu trémulo pe não tolhe a marcha ;
Voa, não corre ao malfadado rio,
Onde a voz escutou do amado moço.
Ali chegando : « Morrerá commigo
O fructo de meu seio ; a luz da terra
Seus olhos não verão ; nem ar da vida
Hade aspirar... »

Ia a cair nas aguas,
Quando subito horror lhe toma o corpo ;
Gelado o sangue e trémula recúa,
Vacilla e tomba sôbre a relva. A morte

Em vão a chama e lhe fascina a vista ;
Vence o instinto de mãe. Erma e calada
Ali ficou. Viu-a jazer a lua
Largo espaço da noite ao pe das aguas,
E ouviu-lhe o vento os tremulos suspiros ;
Nenhum d'elles, comtudo, o disse á aurora.

ULTIMA JORNADA

Ils croient les ames eternelles, et celles
qui ont bien merit  des dieux estre logees
  l'endroit du ciel o  le soleil se leve; les
maudictes, du cost  de l'occident.

MONTAIGNE, *Essais*, liv, I c. XXX.

I

E ella se foi n'esse clar o primeiro,
Aquella esp sa misera e ditosa ;
E elle se foi o perfido guerreiro.

Ella serena ia subindo e airoso,
Elle á fôrça de incognitos pesares
Dobra a cerviz rebelde e luctuosa.

Iam assim, iam cortando os ares,
Deixando em baixo as fertiles campinas,
E as florestas, e os rios e os palmares.

Oh ! candidas lembranças infantinas !
Oh ! vida alegre da primeira taba !
Que aurora vos tomou, aves divinas ?

Como um tronco do matto que desaba,
Tudo cahiu ; lei barbara e funesta :
O mesmo instante cria e o mesmo acaba.

De esperanças tamanhas o que resta ?
Uma história, uma lagryma chorada
Sôbre as últimas ramas da floresta.

A flor do ipê a viu brotar maguada,
E talvez a guardou no seio amigo,
Como lembrança da estação passada.

Agora os dous, deixando o bosque antigo,
E as campinas, e os rios e os palmares,
Para subir ao derradeiro abrigo,
Iam cortando lentamente os ares.

II

E elle clamava á moça que ascendia :
« — Oh ! tu que a doce luz eterna levas,
E vas viver na região do dia,

« Ve como rasgam barbaras e sevas
As tristezas mortaes ao que se afunda
Quasi na fria região das trevas !

« Olha esse sol que a criação inunda !
Oh quanta luz, oh quanta doce vida
Deixar-me vae na escuridão profunda !

« Tu ao menos perdoa-me, querida !
Suave espôsa, que eu ganhei roubando,
Perdida agora para mim, perdida !

Ao maldito na morte, ao miserando,
Que mais lhe resta em sua noite impura ?
Sequer allivio ao coração nefando.

« Nos olhos trago a tua morte escura.
Foi meu odio cruel que ha decepado,
Ainda em flor, a tua formosura.

« Mensageiro de paz, era enviado
Um dia á taba de teus paés, um dia
Que melhor fôra se não fôra nado.

Ali te vi ; ali, entre a alegria
De teus fortes guerreiros e donzellas,
Teu doce rosto para mim sorria.

« A mais bella eras tu entre as mais bellas,
Como no ceu a creadora lua
Vence na luz as vívidas estrelas.

« Gentil nasceste por desgraça tua ;
Eu covarde nasci ; tu me seguiste ;
E ardeu a guerra desabrida e crua.

« Um dia o rosto carregado e triste
A taba de teus paes volveste, o rosto
Com que alegre e feliz d'ali fugiste.

« Tinha expirado o passageiro gôsto,
Ou o sangue dos teus, correndo a fio,
Em teu seio outro affecto havia posto.

« Mas, ou fôsse remorso, ou ja fastio,
Ias-te agora leve e descuidada,
Como folha que o vento entrega ao rio.

« Oh ! corça minha fugitiva e amada !
Anhangá te guiou por mau caminho,
E a morte poz na minha mão fechada.

« Feriu-me da vingança agudo espinho ;
E fiz-te padecer tão cruas penas,
Que inda me doe o coração mesquinho.

« Ao contemplar aquellas tristes scenas,
Aa aves, de piedosas e sentidas,
Chorando foram sacudindo as pennas.

« Não viu o cedro ali correr perdidas
Lagrymas de materno amado seio ;
Viu somente morrer a flor das vidas.

« O que mais houve da floresta em meio
O sinistro expectaculo, de certo
Nenhum extranho contemplal-o veiu.

« Mas, se alguém penetrasse no deserto
Vira cair pesadamente a massa
Do corpo do guerreiro ; e o craneo aberto,

« Como se fôra derramada taça,
Pela terra jazer, alí chamando
O feio grasno do urubú que passa.

« Em vão a arma do golpe irão buscando,
Nenhuma houve ; nem guerreiro ousado
A tua morte ali foi castigando

« Talvez, talvez Tupan, desconsolado,
A pena contemplou maior do que era
O delicto ; e de colera tomado,

« Ao mais alto dos Andes estendêra
O forte braço, e da arvore mais forte
A setta e o arco vingador colhêra ;

« As pontas lhe dobrou, da mesma sorte
Que o junco dobra, sussurrando o vento,
E de um so tiro lhe enviou a morte. »

Ia assim suspirando este lamento,
Quando subitamente a voz lhe cala,
Como se a dor lhe suffocára o alento.

No ar se perdêra a lastimosa falla,
E o infeliz, condemnado à noite escura,
Os dentes range e treme de enconral-a.

Leva os olhos na viva aurora pura
Em que ve penetrar, ja longe, aquella
Doce, mimosa, virginal figura.

Assim no campo a timida gazella
Foge e se perde ; assim no azul dos mares
Some-se e morre fugidia vela.

E nada mais se viu fluctuar nos ares ;
Que elle, bebendo as lagrymas que chora,
Na noute entrou dos immortaes pesares,
E ella de todo mergulhou na aurora.

OS ORISES

(FRAGMENTO)

I

Nunca as armas christans, nem do Evangelho
O lume creador, nem frecha extranha
O valle penetraram dos guerreiros
Que, entre serros altissimos sentado,

Orgulhoso descança. Unico o vento,
Quando as azas desprega impetuoso,
Os campos varre e as selvas estremece,
Um pouco leva, ao recatado asylo,
Da poeira da terra. Acaso o raio
Alguma vez nos asperos penedos,
Com fogo escreve a assolação e o susto.
Mas olhos de homem, não ; mas braço affeito
A pleitear na guerra, a abrir ousado
Caminho entre a espessura da floresta,
Não affrontára nunca os atrevidos
Muros que a natureza a pino erguêra
Como eterna atalaia.

II

Um povo indocil

Nessas brenhas achou ditosa patria,
Livre, como o rebelde pensamento
Que ímpia fôrça não doma, e airoso volve
Inteiro á eternidade. Guerra longa
E porfiosa os adestrou nas armas ;
Rudes são nos costumes mais que quantos
Ha criado este sol, quantos na guerra

O tacape meneiam vigoroso.
So nas festas de plumas se atavam
Ou na pelle do tigre o corpo envolvem,
Que o sol queimou, que a rispidez do inverno
Endureceu como os robustos troncos
Que so verga o tufão. Tecer não usam
A preguiçosa rede em que se embale
O corpo fatigado do guerreiro,
Nem as tabas erguer como outros povos ;
Mas á sombra das árvores antigas,
Ou nas medonhas cavas dos rochedos,
No duro chão, sobre mofinas hervas,
Acham somno de paz, jamais tolhido
De ambições, de remorsos. Indomavel
Essa terra não é ; prompto lhes volve
O semeado pão ; vecejam flores
Com que a rudez tempera a extensa matta,
E o fructo pende dos curvados ramos
Do arvoredos. Harta messe do homem rude,
Que tem na ponta da farpada setta
O pesado tapir, que lhes não foge,
Nhandu, que à flor de terra inquieta voa,
Sobejo pasto, e deleitoso e puro
Da selvagem nação. Nunca vaidade
De seu nome souberam, mas a fôrça,

Mas a destreza do provado braço
Os foros são do imperio a que hão sujeito
Todo aquelle sertão. Murmuram longe,
Contra elles, as gentes debelladas
Vingança e odio. Os echos repetiram
Muita vez a pocema de combate ;
Nuvens e nuvens de afiadas settas
Todo o ar cobriram ; mas o extremo grito
Da victoria final so delles fôra.

III

Despem armas de guerra ; a paz os chama
E o seu barbaro rito. Alveja perto -
O dia em que primeiro a voz levante
A ave sagrada, o nume de seus bosques,
Que de agouro chamamos, Cupuaba
Melancholica e feia, mas ditosa
È benefica entre elles. Não se curva m

Ao nome de Tupan, que a noite e o dia
No ceu reparte, e ao rispido guerreiro
Guarda os sonhos do Ybake e eternas dansas.
Seu deus unico é ella, a bemfaseja
Ave amada, que os campos despooa
Das venenosas serpes, —viva imagem
Do tempo vingador, lento e seguro,
Que as calúmnias, a inveja e o odio apagam,
E ao conspurcado nome o alvor primeiro
Restitue. Uso é delles celebrar-lhe
Com festas o primeiro e o extremo canto.

IV

Terminára o cruento sacrificio.
Ensopa o chão da dilatada selva
Sangue de caitetus, que o pio intento
Largos mezes cevou ; barbara usança
Tambem de alheios climas. As donzellas,
Mal sahidas da infancia, inda embebidas
Nos ledos jogos de primeira idade,
Ao brutal sacrificio... Qh! cala, esconde,
Labio christão, mais barbaro costume.

V

Agora a dança, agora alegres vinhos,
Trez dias ha que de inimigos povos
Esquecidos os trazem. Sôbre um tronco
Sentado o chefe, carregado o rosto,
Inquieto o olhar, o gesto pensativo,
Como alheio ao praser, de quando em quando
Á multidão dos seus a vista alonga,
E um rugido no peito lhe murmura.

Quem a fronte enrugára do guerreiro ?
Inimigo não foi, que o medo nunca
O sangue lhe esfriou, nem vão receio
Da batalha futura o desenlace
Lhé fez incerto. Intrepidos como elle
Poucos vira este ceu. Seu forte braço,
Quando vibra o tacape nas pelejas,
De rasgados cadaveres o campo
Inteiro alastra, e ao peito do inimigo,
Como um grito de morte a voz lhe soa.
Nem so nas gentes o terror infunde ;
É fama que em seus olhos côr da noite,
Inda creança, um genio lhe deixára
Mysteriosa luz, que as fôrças quebra
Da onça e do jaguar. Certo é que um dia
(A tribu o conta, e seus pagés o juram)
Um dia em que, do filho acompanhado,
Ia costeando a orla da floresta,
Um possante jaguar, escancarando
A bocca, em frente do famoso chefe
Estacára. De longe um grito surdo
Sólta o joven guerreiro ; logo a setta
Embebe no arco, e o tiro sibilante
Ia ja disparar, quando de assombro
A mão lhe afrouxa a distendida corda.

A fera o collo timida abatêra,
Sem ousar despregar os fulvos olhos
Dos olhos do inimigo. Ureth ousado
Arco e frechas atira para longe,
A massa empunha, e lento, e lento avança ;
Tres vezes volteando a arma terrivel,
Enfim despede o golpe ; um grito apenas.
Unico atroa o solitario campo,
E a fera jaz, e o vencedor sôbre ella.

NOTAS

NOTAS

Nota A

POTYRA pag. 5

Simão de Vasconcellos não declara o nome da india, cuja acção refere em sua *Chronica*.

Achei que não foi o caso desta tamoya o unico em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e christã.

O padre Anchieta, na carta escripta ao padre-mestre Laynez, a 16 de Abril de 1563, menciona o exemplo de uma india, mulher de um colono, a qual, depois de lh'omatarem os indios, cahiu em poder destes, cujo Principal a quiz violentar. Ella resistiu e desapareceu. Os indios fizeram correr a voz de que se matára; Anchieta suppõe que elles mesmos lhe tiraram a vida. Caso analogo é referido pelo padre João Daniel (*Thesouro descoberto no Amazonas*, p. 2.^a, cap. III); essa chamava-se Esperança e era da aldêa de Cabu.

Nota B

A nascente cidade brasileira..... pag. 7

A villa de S. Vicente.

Nota C

Conduz nos braços tremulos a moça
Que renegou Tupan..... pag. 8

Tinham os indios a religião monotheista que a tradição lhes attribue? Nega-o positivamente o Sr. Dr. Couto de Magalhães em seu excellento estudo acerca dos selvagens, asseverando nunca ter encontrado a palavra *Tupan* nas tribus que frequentou, e ser inadmissivel a ideia de tal deus, no estado rudimentario dos nossos aborigenes.

O Sr. Dr. Magalhães restitue aos selvagens a theogonia verdadeira. Não integralmente, mas so em relação ao sol e á lua (*Coaracy e Jacy*), acho noticia della no *Thesouro* do padre João Daniel (citado na nota A); e o que então faziam os indios, quando apparecia a lua nova, me serviu á composição que vae incluída neste livro (pag. 155).

Sem embargo das razões ailegadas pelo Sr. Dr. Magalhães, que todas são de incontestavel procedencia, conservei Tupan nos versos que ora dou a lume; fil-o por ir com as tradições litterarias que achei, tradições que nada valem no terreno da investigação scientifica, mas que tem por si o serem acceitas e haverem adquirido um como direito de cidade.

Nota D

Quando ferve o cauim..... pag. 22

É ocioso explicar em notas o sentido desta palavra e de outras, como *pocema*, *mussurana*, *tangapema*, *kanitar*, com as quaes

todo o leitor brasileiro está já familiarisado, graças ao uso que dellas teem feito poetas e prosadores. É também desnecessario fundamentar com trechos das chronicas a scena do sacrificio do prisioneiro, na estancia XI ; são cousas comesinhas.

Nota E

As azas colhe
Guanumby, e o aguçado bico embebe
No tronco, onde repousa adormecido
Até que volte uma estação de flores. pag. 26

Simão de Vasconcellos (*Not. do Bras.* liv. 2.^o) citando Marcgraff e outros autores, conta, como verdadeira, a fabula a que alludem estes versos. Aproveitou-se d'ali uma comparação poetica : nada mais.

Nota F

Cova funda
Da terra, mãe commum..... pag. 30

Veja G. DIAS, *Ult. Cant.*, pag. 159 :

... Quando o meu corpo
À terra, mãe commum...

Nota G

Inutil foges : gavião te espreita..... pag. 37

Anagé, na lingua geral, quer dizer gavião.

Nota H

De não sabido bardo

Estes gemidos são..... pag. 44

Não sabido, ainda hoje o digo sem armar à contestação dos benevolos. Mas havia uma razão mais para escrever aquellas palavras quando compuz este pequeno poema; destinava-o á publicação anonyma, o que se verificou nas columnas do *Jornal do Commercio* em Junho e Agosto de 1870, tendo por assignatura um simples Y.

Nota I

Panenioxe é guerreiro

Da velha, dura nação..... pag. 51

Tratando de descobrir a significação de *Panenioxe*, contorne escreve Rodrigues Prado, apenas achei no escasso vocabulario guaycurú, que vem em Ayres do Casal, a palavra *nioxe* traduzida

por jacaré. Não pude accertar com a significação do primeiro membro da palavra, *pane*; ha talvez relação entre elle e o nome do rio Yppané.

Nota J

Cayavaba ha ja sentido

A sua lança e facão... pag. 51

« Estas duas armas (lança e facão) tem sido tomadas aos portuguezes e hespanhóes, e algumas compradas a estes que inadvertidamente lh'as tem vendido » (RODR. PRADO, *Hist. dos Ind. Cav*).

Nota K

Niani ao melhor delles

Não dera o seu coração..... pag. 52

Nanine é o nome transcripto na *Hist. dos Ind. Cav*. Na lingua geral temos *niaani*, que Martius traduz por *infans*. Ésta fôrma pareceu mais graciosa; e não duvidei adoptal-a, desde que o meu distincto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, no dialecto guaycurú, de que elle ha feito estudos, *niani* exprime a ideia de *moça franzina, delicada*, não lhe parecendo que exista a fôrma empregada na monographia de Rodrigues Prado.

Nota L

Limpo sangue tem o noivo,
Que é filho do capitão..... pag. 52

Os Guaycurús dividem-se em nobres, plebeus ou soldados, e captivos. Do proprio texto que me serviu para ésta composição se ve até que ponto repugna aos nobres toda a alliança com pessoas de condição inferior.

A este proposito direi a anedocta que me foi referida por um distincto official da nossa armada, o capitão de fragata Sr. Henrique Baptista, que em 1857 esteve no Paraguay commandando o *Japorá*, entre o forte Coimbra e o estabelecimento Sebastopol. Ia muita vez a bordo do *Japorá* um chefe guaycurú, Capitãosinho, muito amigo da nossa officialidade. Tinha elle uma irmã, que outro chefe guaycurú, Lapagata, cortejava e desejava receber por espôsa. Lapagata recebêra o titulo de capitão das mãos do presidente de Matto-Grosso. Oppunha-se com todas as fôrças ao enlace o Capitãosinho. Um dia, perguntando-lhe o Sr. H. Baptista porque motivo não consentia no casamento da irmã com Lapagata, respondeu o altivo Guaycurú:

— Opponho-me, porque eu sou capitão por herança de meu pae, que ja o era por herança do pae d'elle. Lapagata é capitão de papel.

Nota M

A bocayuva tres vezes

No tronco amadureceu..... pag. 55

As bocayuvras servem de alimento aos Guaycurús; nas proximidades de sazouarem os cocos fazem elles grandes festas. (Veja CASAL e PRADO).

Nota N

Collar de prata não usa

Como usava de trazer;

Pulseiras de finas contas

Todas as veiu a romper.... pag. 57

Taes eram os adornos das mulheres guaycurús. (Veja PRADO, CASAL e D'AZARA).

Nota O

Pintam-n'a de vivas côres

E lhe lançam um collar.... pag. 61

«As moças ricas vão enfeitadas, como se ornariam para o proprio noivado.» (AYRES DO CASAL, *Corog.*, 280).

Nota P

Aguas santas

De Cedron ! Já talvez o sol que passa,
E ve n'ascer e ve morrer as flores.

Todas no leito vos seccou..... pag. 66

Cedron, como se sabe, é o nome da torrente que atravessa o valle de Josaphat. Le-se em Chateaubriand que durante uma parte do anno fica sêcca ; por occasião de temporaes ou nas primaveras chuvosas róla umas aguas avermelhadas.

Nota Q

Oleo que a unge,

Finas telas que a vestem, atavios

De ouro e prata que o collo e os braços lhe ornem,

E a flor de trigo e mel de que se nutre,

Sonhos, são sonhos do propheta.... pag. 76

Allude a um trecho do propheta Daniel :

« 9 — E lavei-te na agua, e alimpei-te do teu sangue : e te ungi com um oleo :

« 13 — E foste enfeitada de ouro e prata, e vestida de linho e de roupas bordadas, e de diversas cores : nutriste-te da farinha e de mel e de azeite, e foste mui aformoseada em extremo. » (DANIEL, XV.).

Nota R

A delicada virgem

Que entre os rios nasceu..... pag. 95

Rebecca, filha da Mesopotamia.

Nota S

O hardido Bento..... pag. 99

Bento do Amaral Gurgel, que dirigiu a companhia de estudantes por ocasião daquella e da seguinte invasão, em 1711.

Nota T

Israel tem vertido

Um mar de sangue. Embora! á tona delle

Verdeja a nossa fe..... pag. 113

Angela pratica o inverso daquelle conselho attribuido aos rabbinos de Constantinopla, respondendo aos judeus de Hespanha, isto é, que baptisassem os corpos, conservando as almas firmes na Lei. Angela conserva o baptismo da alma, e entrega o corpo ao supplicio como se fôsse verdadeiramente judeu. Nega a fe com os labios, confessando-a no coração: maneira de

conciliar o sentimento christão e a piedade filial. Era mais orthodoxo, de certo, confessar publicamente a fe, sem nenhum respeito humano ; cumpre observar, porém, que isto é uma composição poetica, não um compendio de doutrinas moraes.

Nota U

JOSÉ BONIFACIO..... pag. 123

Compuz estes versos por occasião de ser inaugurada a estatua do patriarcha da Independencia, em 7 de Setembro de 1873

Pediu-m'os o Sr. Commendador J. Norberto de S.S., illustrado vice-presidente do Instituto Historico e membro da commissão que promovêra aquelle monumento. Não podia haver mais agradavel tarefa do que ésta de prestar homenagem ao honrado cidadão, cujo nome a história conserva ligado ao do Fundador do Imperio.

Nota V

E Anhangá fez contrarios..... pag. 134

A verdadeira pronúncia desta palavra é *an-hanga*. É outro caso (Veja a nota C) em que fui antes com a maneira corrente e commum na poesia.

Nota X

CANTIGA DO ROSTO BRANCO..... pag. 134

Não é original ésta composição ; o original é propriamente indigena. Pertence á tribu dos Mulcogulges, e foi traduzida da lingua delles por Chateaubriand (*Voy. dans l'Amer.*). Tinham aquelles selvagens fama de poetas e musicos, como os nossos Tamoyos. « Na terceira noite da festa do milho, lê-se no livro de Chateaubriand, reúnem-se no logar do conselho; e disputam o premio do canto. O premio é conferido pelo chefe e por maioria de votos : é um ramo de carvalho verde. Concorrem as mulheres tambem, e algumas têm sahido vencedoras ; uma de suas odes ficou celebre. »

A ode celebre é a composição que trasladei, para a nossa lingua. O titulo na traducção em prosa de Chateaubriand é — *Chanson de la chair blanche.*

Sôbre o talento das mulheres para a poesia, tambem o tivemos em tribus nossas. Veja FERNÃO CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão.*

Nota Y

OS SEMEADORES..... pag. 149

Il y aurait une fort grande injustice à juger les jesuites du seizième siècle et leurs travaux, d'après les idées que peut ins-

pirer le système suivi dans les missions. Là on peut voir des projets ambitieux s'allier à des vues habiles : dans les premiers travaux exécutés par les pères de la compagnie, au Brésil, tout fut désintéressé ; et au besoin, le récit de leurs souffrances pourrait le prouver (F. DÈNIS, *Le Brésil*).

Nota Z

LUA NOVA..... pag. 155

Veja nota C

«...E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua, como quando apparece nova ; porque então sahem de suas choupanas, dão saltos de prazer, saudam-n'a e dão-lhe as boas vindas. (JOÃO DANIEL *Thes. descob. no Amaz.*, part. 2.^a, cap. X).

Nota AA

ULTIMA JORNADA..... pag. 173

Não me recordo de haver lido nos velhos escriptos sôbre os nossos aborigenes a crença que Montaigne lhes attribue acerca das almas boas e más. Este grande moralista tinha informações geralmente exactas a respeito dos indios ; e a crença de que tratamos traz certamente um ar de verosmihança. Não foi so isso o que me induziu a fazer taes versôs ; mas tambem o que achei poetico e gracioso na abusão.

Nota BB

Os ORIZES pag. 183

Tinha planeado uma composição de dimensões maiores, e não a levei a cabo, por intervirem outros trabalhos, que de todo me divertiram a atenção. Foi o nosso eminente poeta e litterato Porto Alegre, hoje barão de Santo Angelo, quem, ha cêrca de 4 annos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes conquistados*, que vem na *Rev. do Inst. Hist.*, t. VIII.

A asperesa dos costumes daquelle povo, habitante do sertão da Bahia, cêrca de duzentas legoas da capital, sua rara energia, as circumstâncias singulares da conquista e conversão da tribu, eram certamente um quadro excellente para uma composição poetica. Ficou em fragmento, que ainda assim não quiz excluir do livro.

Nota CC

A ave sagrada, o nume de seus bosques,
Que de agouro chamamos, Cupuaba,
Melancholica e feia, mas ditosa
E benefica entre elles..... pag. 188

« Lastimosamente cegos de discurso, reconhecem e adoram por deus a coruja, chamada na sua linguagem *Oitipô-cupuaaba*;

e o motivo de sua adoração consiste no beneficio que recebem desta ave, que, naturalmente inimiga das cobras, numerosissimas naquelle paiz, as espia nos mattos, e lhes tira a vida. »
(J. F. MONTERROYO MASCARENHAS, *Os Orizes conquistados*).

INDICE

ADVERTENCIA.	pag. V
Potyra.	3
Niani.	47
A Christã Nova.	63
José Bonifacio.	121
A visão de Jaciuca.	127
Cantiga do rosto branco.	137
A Gonçalves Dias.	141
Os Semeadores.	149
A flor de embiroçu	151
Lua Nova.	155
Sabina.	159
Ultima jornada.	173
Os Orizes.	183
NOTAS.	197

ERRATA

Pag.	linha	Erro	emenda
44	1 ^a	XVII	XVI
160	4 ^a	como	com